

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

LEO LAURA CARVALHO SARTORELI

**RECORTO, RASGO, GUARDO E FAÇO
DISSO UM POUCO MEU TAMBÉM**
colagem como prática artística metodológica

SÃO PAULO

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

LEO LAURA CARVALHO SARTORELI

**RECORTO, RASGO, GUARDO E FAÇO
DISSO UM POUCO MEU TAMBÉM**
colagem como prática artística metodológica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes, Univer-
sidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita
Filho”, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Bacharelado em Artes
Visuais.

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Riccioppo

SÃO PAULO

2024

LEO LAURA CARVALHO SARTORELI

RECORTO, RASGO, GUARDO E FAÇO DISSO UM POUCO MEU TAMBÉM

colagem como prática artística metodológica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes, Univer-
sidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita
Filho”, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Bacharelado em Artes
Visuais.

Dissertação aprovada em: 05/11/2024

Banca Examinadora

Carlos Eduardo Riccioppo
Orientador - Instituto de Artes da UNESP

Leandro Oliva
Docente - Instituto de Artes da UNESP

Félix Perini

Bruna Medeiros

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S251r Sartoreli, Leo Laura Carvalho (Leo Laura Carvalho), 1999-

Recorto, rasgo, guardo e faço disso um pouco meu também : colagem
como prática artística metodológica / Leo Laura Carvalho Sartoreli. -- São
Paulo, 2024.
203 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Riccioppo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Colagem (Arte). 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Arte. I.
Riccioppo, Carlos Eduardo. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 702.812

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11.323

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e família pelo apoio durante estes meses malucos de produção deste trabalho.

Agradeço à minha mãe por sempre acreditar em mim e por me ensinar a registrar e cultivar minhas memórias.

Agradeço à minha avó, de quem eu puxei o hábito perigoso de guardar tudo, vai que precisa um dia, né?

Agradeço a todes que contribuíram com ideias de artistas para inserir nesta colagem e todes que toparam ouvir sobre.

Agradeço ao meu orientador, pelas reuniões leves, incentivo e empolgação com meu trabalho.

Agradeço a todes meus colegas de trabalho dos últimos anos pelas trocas e parcerias, e também às crianças e visitantes dos museus, pelos sorrisos e pulgas atrás da orelha que vocês me deixam.

**“Só sou e só dou conta de ser
porque não estou só”**

Ventura Profana

RESUMO DO TRABALHO

Como construir algo do zero vivendo num mundo de restos e ruínas? Como caminhar por novas trilhas se tem gente andando pra tudo que é lado? Este texto busca explorar a colagem como prática artística metodológica, entendendo os processos de criação como constante rasga, corta, recorta e cola das coisas que vemos, vivemos e somos, individual e coletivamente. Assim como em uma colcha de retalhos, aqui se encontram um punhado de referências e bagagens para junto estabelecer estratégias para novas criações.

PALAVRAS-CHAVE: colagem; processo criativo; apropriação; colcha de retalhos.

RESUMEN DEL TRABAJO

¿Cómo construir algo desde cero viviendo en un mundo de restos y ruinas? ¿Cómo caminar por nuevos senderos si hay gente yendo en todas direcciones? Este texto busca explorar el collage como práctica artística metodológica, entendiendo los procesos de creación como un constante rasgar, cortar, recortar y pegar de las cosas que vemos, vivimos y somos, individual y colectivamente. Así como en una colcha de retazos, aquí se encuentran un puñado de referencias y bagajes para establecer juntas estrategias para nuevas creaciones.

PALAVRAS-CHAVE: collage; proceso creativo; apropiación; colcha de retazos.

SUMÁRIO

1. PRA ONDE EU OLHO ANTES DE RECORTAR.....	17
2. METODOLOGIA CORTA E COLA.....	21
2.1 acaso	27
2.2 autoria em foucault e bo bardi	28
2.3 colagem e arte educação	30
2.4 aula sobre apropriação no cursinho prévia	38
2.5 apropriação e aculturação	39
2.6 metodologia cuir/queer	41
3. ELUS QUANDO CORTAM E COLAM.....	47
★ 3.1. PRA TE CONTAR DE TUDO QUE EU VI.....	51
3.1.1 playlist pra te contar de tudo que eu vi....	70
★ 3.2. ESTABELECENDO AMIZADES ENTRE MUNDOS	73
3.2.1 playlist estabelecendo amizades entre mundos.....	88
★ 3.3. GUARDO PRECIOSIDADES DESCARTÁVEIS E VEJO NELAS NARRATIVAS POSSÍVEIS.....	91
3.3.1 playlist guardo preciosidades descartáveis e vejo nelas narrativas possíveis	100

★ 3.4. VELHAS IMAGENS, NOVOS CENÁRIOS.....	103
3.4.1 playlist velhas imagens, novos cenários..	118
★ 3.5. COMPARTILHAR O OLHAR.....	121
3.5.1 playlist compartilhar o olhar.....	136
★ 3.6. VER EM ALGO QUE JÁ FOI OUTRO.....	139
3.6.1 playlist ver em algo que já foi outro.....	152
★ 3.7. IMPORTANTE PARA MIM E QUERO QUE O MUNDO TODO VEJA.....	155
3.7.1 playlist importante pra mim e quero que o mundo todo veja.....	166
★ 3.8. COPIA, MAS COPIA DAORA.....	169
3.8.1 playlist copia, mas copia daora.....	180
4. EU QUANDO CORTO E COLO.....	183
5. COMO FOI COLETAR E SOBRE COMO ISSO NÃO ACABA POR AQUI.....	195
REFERÊNCIAS.....	197

1 PRA ONDE EU OLHO ANTES DE RECORTAR

*separando os materiais: papel, recortes,
tesoura, cola e tudo que você quiser*

Este trabalho discorre sobre colagem, mas não estamos falando necessariamente sobre cola, papel e tesoura. Também não estamos falando sobre rasgos e nem ferramentas digitais. Aqui, o entendimento de colagem aparece como uma prática artística, uma metodologia. Assim, iniciamos separando os materiais que vamos utilizar.

Antes de enchermos as mãos, é importante pontuar que aqui falaremos de um processo desenhado a partir de uma vivência individual mas que parte de produções de outres. Um processo que não é universal e que não pretende delimitar as diversas formas que a colagem como metodologia pode carregar. Assim, justifico aqui o uso do plural em alguns momentos deste trabalho, permitindo-me falar por vários, todos “eus” que escreveram este texto e também artistas que aparecem ao longo da pesquisa.

PAPEL * RECORTES * TESOURA * COLA

O papel na colagem aparece primeiro como suporte, como campo para receber elementos, seja ele um campo neutro ou não. Esse espaço cumpre a função de ser casa para os pedaços que irão chegar, normalmente sendo o maior papel.

Pensando a colagem como prática metodológica, coloco o papel, nosso suporte, como nosso contexto. De onde falamos, quem somos, como nos relacionamos. Onde estamos e para onde queremos ir.

PAPEL * RECORTES * TESOURA * COLA

Com a seleção de recortes, quero mais é dizer recortáveis. Também normalmente papéis, os recortáveis seriam o que vemos e queremos absorver de alguma forma, trazer para a nossa construção algo que já foi construído por outre. Seja um papel liso ou estampado, abstrato ou figurado.

Separar os nossos recortes ou desenhar com a tesoura sobre os papéis recortáveis é escolher, dentre todas as possibilidades, que pedacinhos de mundo eu guardo comigo. Aqui, relaciono esse processo com a bagagem que carregamos, o que escolhemos para levar conosco em nossos projetos e também os hábitos rotineiros de como recortar.

PAPEL * RECORTES * TESOURA * COLA

Já a tesoura, aqui representa cortantes, seja a própria, estiletes, bisturi ou até as mãos. Objeto-ferramenta que, a partir do nosso olhar, entende o que guardar e o que deixar, transformando-se em uma extensão do nosso corpo, uma ferramenta que torna possível a ação idealizada.

Para além disso, o corte em uma colagem cumpre a função de margem, de separação entre imagens, sendo ele bem definido ou não. Assim, esta linha-contorno carrega em si possibilidades de contextualizar (indicar onde está inserida tal figura) mas também de descontextualizar (retirar um objeto de seu contexto).

PAPEL * RECORTES * TESOURA * COLA

Por último, nesta lista e no nosso processo, entra a cola – depois de diversas composições possíveis, quando decidimos como fixar esses recortes. Arrematando a pesquisa e eternizando aqueles trechos como agora nossos também.

Entendo a cola também como a nossa intuição, momento de ouvir onde o papel quer ser colado, que amizades ele está estabelecendo com os outros recortes e sobretudo experimentar possibilidades. Nesse caminho, uma outra posição que a cola também pode tomar é a de alinhar: o lugar do alfinete em uma costura, servindo como teste, possibilidade, mobi-

lidade. Num momento, aproveitar o prazer da incerteza, da suspensão, da fluidez de poder experimentar ser outros. No momento seguinte, da cola, aproveitar também a completude, a re-construção, a eternidade.

Apesar do aspecto de finitude da cola, é importante pontuar aqui o processo da colagem como uma metodologia da reinvenção, que proporciona um ciclo sem fim, em que se pode sempre bagunçar os recortes e pensar de outras formas. Além de que cada colagem colocada no mundo pode virar material para outros colarem também.



2 METODOLOGIA CORTA E COLA

Este trabalho não pretende oferecer uma “história da colagem”; o que buscamos nesse momento é levantar pontos e momentos em que a arte (ou não) se pensou como colagem.

Em sua tese de mestrado, em que pesquisa o conceito de ruína no cinema, Anna Maria de Azevedo afirma:

O gesto de construir uma obra de arte reutilizando formas já prontas, encontradas ao acaso ou buscadas na intenção de se produzir um novo discurso é chamado de apropriação/ressignificação.(AZEVEDO, p. 12, 2014)

Levando em consideração essa frase, abstraindo dos outros discursos que vêm em nossa mente quando ouvimos essas palavras, podemos dizer que este é um trabalho sobre apropriação. Sobre criar a partir do que vemos e vivemos, individual ou coletivamente.

Fazer colagem pode se iniciar no papel e se findar no papel, como nas colagens de Matisse na Série que compõem o livro Jazz. Matisse sofreu um acidente que o deixou durante um tempo acamado, e isso fez com que o artista começasse a re-

pensar sua prática artística, na época concentrada em pinturas de grande escala. Ele começa então com uma prática de criar cores e cobrir com tinta totalmente os papéis que depois seriam cortados. Essa prática possibilita uma colagem a partir de uma paleta intencional, e assim Matisse aproveita do campo “liso” para desenhar com as tesouras, investigando os cheios e os vazios.

Fazer colagem pode se iniciar em papéis existentes, como jornais, e se findar no papel, como nas colagens de jornal que Pablo Picasso realizou. As colagens cubistas, apesar de muitas vezes usarem desses “papéis existentes” puramente formalmente, entendendo os aspectos estéticos das cores e letras; ao empregar em sua pintura um trecho de jornal que relata acontecimentos vinculados a seu contexto histórico, como guerras, carrega esse fato também como significante no seu trabalho.

Ainda sobre a apropriação de mídias em meios impressos para colagens, cito também Hannah Hoch, artista vinculada ao dadaísmo, que trabalhou com colagens que criticavam politicamente a sociedade alemã, os papéis das mulheres e as movimentações que acarretaram na 1ª Guerra Mundial. Por meio de camadas de recortes retirados de lugares distintos, Hannah justapõe textos e figuras humanas a fim de criar tensões e questionamentos.

Fazer colagem pode se iniciar com objetos e acabar em luz, como as Rayografias de Man Ray. Esse procedimento consistia em fotogramas (imagens fotográficas que foram produzidas sem a câmera fotográfica, somente na interação direta entre a luz, papel fotossensível e químicos) criados a partir dos cheios e vazios ocasionados pela justaposição de objetos.

Fazer colagem pode se iniciar no papel e ir para a pintura, como Tomie Ohtake fez em uma série de pinturas na década de 60. A artista elaborou colagens com papéis coloridos lisos ou impressos rasgados a mão, e, então, a partir das formas e relações de cores estabelecidas, transportou as composições para pinturas bem maiores do que aquelas colagens sonhavam ser, deixando em evidência linhas e margens onduladas vindas do rasgo.

Fazer colagem pode se dar nas sobras de tecido, e findar numa manta, como quem elabora uma colcha de retalhos. As práticas do patchwork, de costura de diversos tecidos formando uma só estampa, é também uma forma de fazer uma colagem aproveitando pequenos pedaços de tecidos em que não se via mais futuro.

Fazer colagem também pode se dar no tecido e se tornar es-

cultura, a partir da soma de volumes (até mesmo em tela) como Yuli Yamagata realiza. As obras de Yuli – uso “obras” porque realmente não conseguimos afirmar nem pintura, nem colagem, nem escultura – são formadas por diversos tecidos coloridos, estampados e/ou texturizados, recortados e costurados de forma a criar imagens, figurativas ou não. Em alguns pedaços da tela, não em sua completude, Yuli adiciona também enchimentos, tridimensionalizando mais ainda o trabalho, o que parece distanciar-se da ideia de colagem mas que se afirma ao entendermos colagem como justaposição de elementos.

Fazer colagem pode se dar na montagem de um filme, como Eisenstein elaborou a partir do conceito “Montagem de atrações”. Este conceito, que parte de técnicas teatrais, é entendido como a elaboração de uma narrativa indireta, em que a partir de imagens descontinuadas e de conflito, produz-se uma ideia final e uma série de estímulos aos espectadores.

Assim como os citados acima, seguem mais alguns pontos para se olhar quando pensamos colagem e a criação de novas imagens a partir de imagens já existentes.

2.1 acaso

Para pensar colagem, é interessante voltar a um momento da História da Arte dos Livros¹ em que se foi pensado o como produzir sem querer necessariamente chegar em outros lugares e possibilitar o acaso de criar situações e obras. Este momento em questão acontece principalmente na Europa de aproximadamente 1915-1925 e é chamado de dadaísmo.

A respeito deste ímpeto dadaísta pelo acaso, empresto especificamente o trabalho de Mallarmé – poeta francês simbolista do século XIX que influenciou o desenvolvimento do dadaísmo – com o livro *Lance de dados* (1897). Nessa publicação, Mallarmé elabora um texto que discorre sobre incertezas de uma forma peculiar, a forma de poema escrito de forma visual, considerando a posição e desenho que as frases formam. Dessa maneira, o escritor pensa os espaços da folha como pausas e as quebras das frases como fluxo de pensamentos, como colagem.

Embarcando mais ainda nessa proposta, é pertinente citar também o jogo “cadáver esquisito”, prática desenvolvida pelos surrealistas franceses que consistia na criação de textos de forma descontínua, a partir de frases que não necessa-

¹ História da Arte dos Livros, em caixa alta para se referir à intocável história branco-hetero-cis-euro-norte-americana que insiste em se contar nos grandes livros.

riamente se relacionam *a priori*. Essa prática possibilitou a criação de poemas de forma coletiva, em que cada pessoa envolvida escreve um trecho, dobra o papel para a próxima não ver o que já está escrito antes de adicionar seu trecho, e assim continuam até finalizar o texto.²

2.2 autoria em foucault e bo bardi

Após fundamentado o entendimento de colagem que usaremos aqui, resgatamos uma reflexão de Michel Foucault a partir de seu livro *As palavras e as coisas* (1966), sobre a pergunta “O que é um autor?”, onde propõe, a partir dos conceitos de apropriação e atribuição, questionamentos a respeito do lugar e função do autor no discurso. Nessa busca, o filósofo nos leva a refletir de que forma, quando citamos um autor em nosso texto, estamos citando a maneira como bebemos das pesquisas dele.

Além disso, Foucault elabora sobre citar o nome próprio de diversas pessoas em seus trabalhos, relacionando pensadores de épocas e espaços distantes e sobre como estes nomes carregam outras histórias e referências que agora surgem também no seu trabalho.

² O jogo “cadáver esquisito” também pode ser experienciado pelo desenho, em que se desenha em um pedaço da folha, dobra-se e se passa; para que o outro continue seu desenho, formando uma imagem criada a várias mãos.

A respeito das bagagens que esses nomes carregam ao serem citados, é possível relacioná-las com o trabalho de Lina Bo Bardi na confecção dos cavaletes de cristal para expografia no MASP. No projeto, Bo Bardi planeja que as obras do acervo do museu sejam expostas em suportes de concreto, cortados por um grande vidro, no qual a obra é fixada. Essa movimentação transforma o espaço expositivo, na medida em que as obras deixam de existir na parede e formam um grande mar de pinturas que toma o visitante, transformando-o em curador da própria exposição, ao passo que o que irá guiar sua rota serão seus interesses e vontades (afinal, é um espaço em que o tempo não necessariamente será cronológico).

Figura 1: Vista dos cavaletes de cristal de Lina Bo Bardi



Fonte: Mauro Restiffe, 2015.

Além da questão visual-expográfica, Lina traz nessa proposta outro convite ao espectador quando insere o “painel didático” – espaço que expõe as informações sobre artista, contexto temporal e territorial e outras informações que a instituição ache pertinentes – no avesso, na parte de trás da obra. Essa simples movimentação transforma a nossa forma de entrar em contato com as obras: somos incentivados a observar e ler visualmente a obra antes de ter acesso às demais informações; convidadas a ver as linhas e cores antes de saber se é uma obra de um artista desses tidos como gênios, ou de um artista de uma obra única.

2.3 colagem e arte educação

Durante meus 2 anos de estágio em Educação Infantil, o chamado “recorte e colagem” esteve muito presente nas práticas artísticas do dia-a-dia das crianças; seja em momentos de brincar livre, em que eram oferecidos recortes para quem quisesse fazer colagem, seja em atividades no momento de ateliê, buscando figuração ou não.

Figuras 2 e 3: Atividades de ateliê.



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2022

Propostas de recorte e colagem na Educação Infantil aparecem muito para trabalhar a coordenação motora, uso da te-

soura ou trabalhar o rasgo intencional, dosar a quantidade de cola, apropriar-se do uso dos materiais (entender o que eu consigo colar com cola bastão, o que é melhor usar fita, entre outros), mas também considero essa prática muito interessante como exercício de texturas, de interação de cores e de imaginação.

Nesses espaços, e seguindo essas propostas, começamos a elaborar uma reutilização dos materiais: um desenho que um dia foi abandonado sem nome, ganhava uma nova chance de brilhar como recorte.

Figura 4: Atividades de ateliê.



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2022

Em outro estágio, agora em um museu, nós da equipe educativa elaboramos e realizamos oficinas de participação livre aos fins-de-semana. As propostas das atividades variavam de acordo com a exposição atual. Na exposição em questão, desenvolvemos uma oficina de colagem com composição de pedras, inspiradas no trabalho de Amélia Toledo, artista que realizou diversos trabalhos em que posicionava rochas de diversas cores em diferentes superfícies, como concreto e, no caso da exposição, areia. Na oficina, o exercício de posicionar as pedras desenhadas e cortadas em cima do papel de outra cor, existiu como uma forma de aproximar a pesquisa da artista com a de quem realizava a atividade.

Figura 7: Oficina de colagem.



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2024

Figura 8: Oficina de colagem.



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2024

2.4 aula sobre apropriação no cursinho prévia

Voltando à questão levantada por Foucault a respeito da apropriação e relacionando-a novamente com experiências que perpassam as minhas vivências, durante a graduação, participei do Cursinho Prévia, curso pré-vestibular para as provas específicas de artes visuais, focado nas principais faculdades estaduais de São Paulo (UNESP, USP e UNICAMP). No curso, elaboramos encontros que relacionam, de forma não cronológica, obras de diversos artistas a partir de um tema comum. Aqui em questão, empresto o projeto da aula³ que encerra o curso, de nome “Apropriação”.

Nessa aula, iniciamos com uma reflexão sobre autoria, a partir do uso de *samples* na indústria musical e do trabalho de Sherrie Levine com fotografia. Em seguida, apresentamos exemplos de apropriações que aconteceram durante o período das vanguardas européias, como Van Gogh com as influências da estética japonesa (que chegam à Europa por meio de produtos japoneses). Em seguida, apresentamos a *pop art* e apropriações da cultura de massa por meio de Roy Lichtenstein e Andy Warhol. Na sequência, trazemos artistas que trabalham com apropriação no pós-produção, como Christian Marclay, que cria um filme a partir de trechos de filmes

³ Importante pontuar que é um projeto de aula, pois as aulas são atualizadas todos anos e repensadas pela equipe atual. O projeto apresentado é de 2021.

já existentes. Por fim, apresentamos o trabalho “Bixinhas”, de Lyz Parayzo, em diálogo com os “Bichos” de Lygia Clark, e encerramos com uma discussão mais aprofundada do tópico que inicia a aula: *samples*. Dessa aula, me aproprio de algumas relações que aparecem ao longo do próximo capítulo.

2.5 apropriação e aculturação

A expressão “apropriação cultural” gerou grandes debates nos últimos anos, o que levou muitas pessoas a perguntarem “o que pode e o que não pode” a respeito da utilização de objetos e práticas de culturas diferentes da sua, e isso acontece pois, em diversos momentos, a apropriação cultural foi utilizada como instrumento de dominação, o que a torna hoje um assunto delicado. Inserido nesse contexto, Rodney William escreve o livro *Apropriação Cultural* (2019), que faz parte da coleção Feminismos Plurais, organizada por Djamila Ribeiro. Já na introdução do texto, Rodney traz a figura de Exu, Orixá de religiões de matriz africana, como dono do mercado e organizador das trocas. Assim, reforça a importância dos valores da reciprocidade, circulação e intercâmbios para a identidade negro-africana. No texto, fundamenta esse pensamento a partir do conceito de que, assim como a banca do mercado tem dois lados, as trocas sempre envolvem levar algo e deixar algo, formulado por Sidnei Barreto Nogueira

(2019)⁴.

Para falar sobre apropriação cultural, Rodney define o que entende por “cultura”, “apropriação” e “aculturação”. Iniciando por “cultura”, define as diferenças entre *cultura material*, como artefatos, objetos utilitários, instrumentos etc. e *cultura imaterial*, que seriam os costumes, saberes, práticas de determinado grupo; mas também pontua que muitas vezes as duas formas se misturam. Ao entrar na questão de se apropriar de outras culturas, é importante entender que as coisas carregam significados que são atribuídos pelas suas culturas para além do objeto em si mesmo.

Levando em conta o mundo globalizado em que vivemos, os intercâmbios culturais são inevitáveis; assim, as diferenças entre aculturação e apropriação se dão na medida em que aculturação seria uma fusão de 2 ou mais culturas – pode acontecer de uma cultura estar em maior evidência, mas não anula a outra – sem necessariamente estarem em um regime de dominação. Já a apropriação opera muitas vezes de formas violentas, em que uma cultura dominante se apropria de costumes ou objetos de outra cultura, esvaziando seus significados e, de certa forma, gerando um apagamento das práticas e da forma de existência desse outro grupo, explica Rodney.

A globalização possibilitou a conexão entre pessoas do mun-

⁴ Sidnei Barreto Nogueira APUD Rodney William em *Apropriação Cultural*(2019).

do todo em instantes, facilitando o contato e intercâmbios entre comunidade, no entanto, existe uma problematização a respeito da dominação cultural que acontece por meio do apagamento das diferenças culturais, em que o sistema se apropria de costumes sem ao menos compartilhar de onde vem este produto, e lucrando em cima sem sequer gerar oportunidades de trabalho para as pessoas que o criaram. Dessa forma, é necessário um compromisso ético quando se utiliza de referências de culturas outras, principalmente quando envolvem corpos que trazem marcas de uma colonização violenta.

2.6 metodologia cuir/queer

No mais, no findar da batalha de separar o que sou do que pesquiso, entendo também a metodologia artística da colagem como uma prática cuir/queer⁵, e para justificar isso, empresto a teoria de Jack Halberstam em *A Arte Queer do Fracasso*(2020). Nesse trabalho, é investigada a forma que as vivências de pessoas queer, de gêneros e sexualidades dissidentes, são atravessadas por modelos hetero-cis-normativos (e capitalistas) de como alcançar o sucesso e, dessa forma, resultando como “fracassadas” e precisando buscar outras formas de produzir e viver suas vidas. Halberstam afirma

⁵ A respeito do uso da terminologia “Cuir”, indico o artigo “Do Queer ao Cuir: Geopolítica do estranhamento e Epistêmica do Sul Global” de Sayak Valencia, traduzido para o português em 2023. O texto discorre sobre a transposição do conceito “queer” para termos que falam na nossa língua e adaptações aos nossos contextos.

em seu texto:

Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, “inadequar-se”, não saber, podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo.(pg. 7, 2020)

Assim, ser queer nos leva a articular como se apropriar de moldes que não foram feitos para que coubessem nossos corpos e transfigurá-los, fantasiar outros mundos possíveis⁶ e tomar a fala das nossas próprias histórias.

Dessa forma, outros teóricos discorreram sobre o tópico, como Rosa Maria Blanca em sua pesquisa de Doutorado, onde entende a Arte Queer como uma produção de conhecimento a partir da experiência. Comenta também sobre o aspecto livre dessa produção da ressignificação, em que não se prende a uma temporalidade cronológica e nem a experiências individuais e nacionais.

Com isso, voltando a Halberstam, em “Feminismos Marginais: Negatividade queer e passividade radical”⁷ inclui a prática da colagem – aqui como o gênero plástico de cortar e colar – como prática feminista e trans de promessa de transformação através da destruição da imagem. Isto é, a colagem como lugar de elaboração de tensões, de tomar o poder da fala, da criação de imaginários, e justapor elementos a fim

⁶ Referência ao meu trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais, de nome “um outro pra chamar de eu: fantasiando pedagogias cuir para a reinvenção” (2023).

⁷ Capítulo 4 de A Arte Queer do Fracasso (2020).

de subverter a forma como a sociedade dita que tais corpos devam se comportar.

Pensando nesse histórico da colagem feminista, em 2017, o blog espanhol “godArt Creative LAB”⁸ elaborou um artigo sobre mulheres colagistas do cenário de Madrid (em sua maioria européias) que, após a publicação, tornou-se um projeto no Instagram chamado “Mujeres que cortan y pegan”⁹, o que traduzido para o português ficaria “Mulheres que cortam e colam”. Esse projeto formou um coletivo que, por meio das redes sociais, divulga o trabalho de mulheres colagistas do mundo inteiro, além de organizar ações e cursos.

Apesar de ser um projeto que nasce em Madrid, a partir da influência desse coletivo, hoje, pelas ruas de Valparaíso e da capital Chilena, é possível encontrar nas paredes do centro a tag¹⁰ “no binaries que cortan y pegan”, que traduzida seria “Não binários que cortam e colam”, apresentando uma nova camada, a de um possível coletivo de colagistas não-binários. Sobre esse coletivo, não foram encontradas mais informa-

⁸ ROIG, Anna. Mujeres que cortan y pegan. godArt LAB, Madrid, 8 de março de 2017. Disponível em: <<https://godartlab.com/2017/03/08/mujeres-que-cortan-y-pegan/>>. Acesso em: 09 de out de 2024.

⁹ Quando pesquisamos em um dicionário o significado da palavra “pegan”, é fornecido normalmente “bateram”. No entanto, “pegan”, do verbo “pegar”, significa colar. Assim, da mesma forma que aqui temos a expressão “Recorte e Colagem”, em diversos países hispanohablantes, dizem “Corta y Pega”

¹⁰ “Tag” do inglês “etiqueta, marca” é uma expressão que – no contexto do Graffiti, Pixo e Arte de Rua – significa uma assinatura de grafiteiros, normalmente encontradas em muros, lugares abandonados, etc. como forma de deixar sua marca.

ções, então cabe a nós imaginar a sua potência.

Figura 9: Muro em Valparaíso, Chile.



Fonte: Hernán Castro, 2023.



3 ELUS QUANDO CORTAM E COLAM

Se antes este trabalho estava falando sobre colagem, agora o texto se transforma também em colagem. Para seguir comigo nesse caminho, convido o olhar atento pras relações que esses trabalhos estabelecem entre si e com nossas vivências pessoais.

Para complementar este capítulo que reúne tanta gente, convido também aos teus ouvidos, ao fim de cada subtópico, uma playlist que acompanha, pode ser que tem alguma coisa com o que estamos falando.

pra Te
con tar
de tudo
que
eu Vi



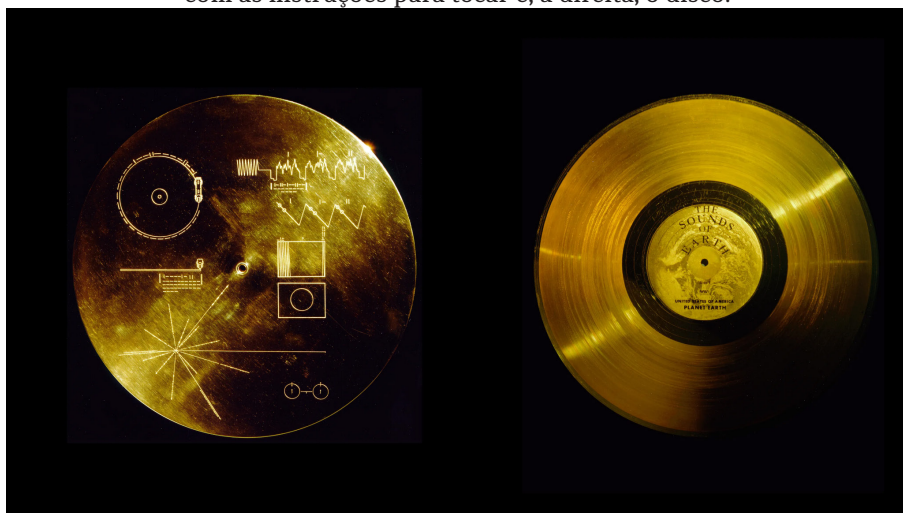
3.1 PRA TE CONTAR DE TUDO QUE EU VI



Em 1977, foram lançadas ao espaço pela NASA (National Aeronautics and Space Administration - EUA), duas naves com os nomes de Voyager 1 e 2. Estas naves viajam com uma missão, carregam, dentro de uma rígida camada de alumínio, um disco de cobre banhado a ouro, que pretende compartilhar o que é habitar o planeta Terra.

Com uma equipe presidida por Carl Sagan, o projeto selecionou 115 imagens e sons da natureza terrestre (naturais ou de intervenção humana), 27 músicas, áudios de saudações em 55 idiomas diferentes e mensagens do presidente vigente dos Estados Unidos da América. Essa movimentação, seja pelo exercício da seleção dessas mídias ou a esperança que a camada protetora de alumínio e urânio-238 resistisse aos 4.468 bilhões de anos que foram prometidos, e essa mensagem chegasse em alguém, funciona como uma cápsula do tempo e uma tentativa de **contar de tudo que eu vi**.

Figura 10: À esquerda, capa do disco com as instruções para tocar e, à direita, o disco.



Fonte: NASA/JPL-Caltech, 1977.

Dentro do disco, encontramos sons como de sapos, grilos, cavalos, cachorros, pássaros, elefantes. Encontramos tratores, trens, carros e ônibus. Encontramos também chuva, vento, tempestade, vulcões e terremotos. Encontramos coração batendo, beijo, conversa de mãe e bebê, pegadas e risadas. Encontramos uma vontade de apresentar ao outro como é/foi existir por aqui.

Sobre as imagens, foram reunidas imagens mais explicativas, como relações matemáticas e biológicas, questões de escala e imagens planetárias; e também imagens que buscam ilustrar as nossas formas de organização, como símbolos da escola, arquitetura, música, geografia, maternidade, entre outras.

Figuras 11, 12 e 13: Imagens que compõem o disco VOYAGER.



Fonte: NASA, 1977.

Não se sabe quem poderá encontrar essas cápsulas, se extraterrestres ou viajantes conterrâneos, por exemplo, mas sabe-se que, para esse grupo, essa seleção é o que temos de importante na vida na Terra. Conquistas descobertas pela ciência, canções de diferentes comunidades, e coisas que podem parecer muito simples para nós mas que podem ser organizadas de formas muito diferentes em outros planetas.

Independentemente do fim que essa história tiver (que provavelmente será desconhecido), o pensar que informações eu quero que outras formas de vida acessem se tiverem contato com esse disco, é o que nos interessa neste feito, o como contar tudo que eu vi para um remetente anônimo.

...

Nascido em Sergipe e tendo passado a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro, Arthur Bispo do Rosário recebe em 1938 uma missão. Temos conhecimento, através de um de seus bordados, do que Bispo presencia: vê a sua imagem descendo do céu junto de 7 anjos. Depois dessa revelação, ele caminha até o Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, e se apresenta aos frades como “aquele que veio julgar os vivos e os mortos”. Com esse episódio, Arthur Bispo do Rosário é levado para um hospício e, em seguida, encaminhado para

a Colônia Juliano Moreira¹¹.

Anos depois, Bispo é preso e passa três meses confinado numa cela. Nesse período, relata que “ouviu vozes que lhe diziam que chegara a hora de representar todas as coisas existentes na Terra para a apresentação no dia do Juízo Final”. Bispo do Rosário já vinha produzindo objetos e estandartes com materiais que encontrava na colônia (como pedaços de papelão, madeiras, arames e linhas que desfiava dos uniformes para bordar em tecidos), e ao longo desse tempo elaborou o “Manto da Apresentação”, vestimenta para ser usada quando viesse ao encontro de Deus.

No seu “Manto da Apresentação” e em diversas outras obras, Bispo borda, com as linhas desfiadas, palavras que se deslocam da função que têm dentro de um livro, por exemplo. Aqui, as palavras são como desenhos e símbolos que vão nos apresentar personagens e plantar possíveis histórias, organizando o mundo de Bispo nessa seleção de memórias que lhe acompanharão nessa passagem.

¹¹ Arthur Bispo do Rosário tem uma história e pesquisa que muito vale ser estudada com profundidade, cito aqui dois artigos para mergulhar mais um pouco: “Arthur Bispo do Rosário: a criação artística como reorganização de mundo” de Marta Claus (2006) e “Vinte anos de luta antimanicomial no Brasil – arte e comunicação como estratégia de participação e transformação social no contexto da reforma psiquiátrica” de Renata Ruiz Calicchio (2007).

Figura 14: Sem Título [Manto da apresentação] - exterior.



Fonte: Arthur Bispo do Rosário, sem data.

Figura 15: Sem Título [Manto da apresentação] - interior.



Fonte: Arthur Bispo do Rosário, sem data.

...

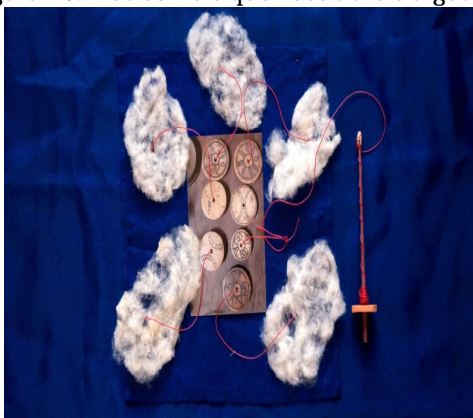
A partir do bordado, desenho, performance e pintura, Gustavo Caboco, do povo Wapichana, exercita movimentações de retorno à terra e produção de memória. “Desenho para documentar nossas histórias e ampliar o debate das subjetividades indígenas”¹², afirma o artista. Com fio e linhas, Cabo-

¹² Frase disponível no site de Gustavo Caboco. Disponível em: <<https://caboco.tv/>>. Acesso em: 09 de out. de 2024.

co resgata e registra memórias ancestrais, memórias que a terra conta, que as avós contam e o corpo conta.

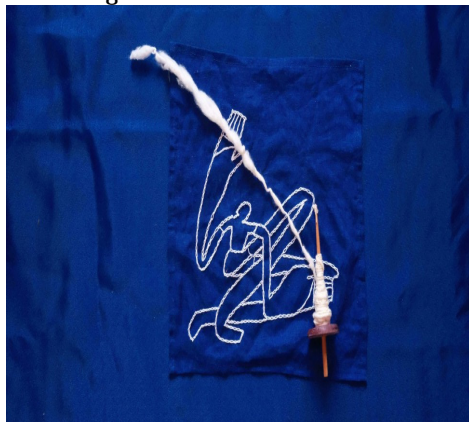
Na série “encontros di-fuso”, Gustavo Caboco e Lucilene Wapichana produzem memória com a escuta do fio de algodão, que lhes conta tudo que viu, sua história, feitura, tessituras e caminhos.

Figura 16: mas como é que você abre o algodão?



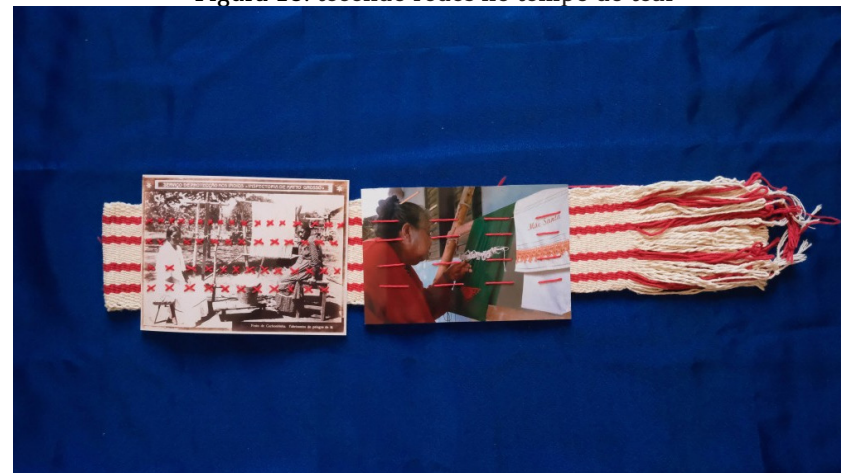
Fonte: Gustavo Caboco, 2022

Figura 17: fiando o fio forte



Fonte: Gustavo Caboco, 2022

Figura 18: tecendo redes no tempo do tear



Fonte: Gustavo Caboco, 1922-2022

Já no livro e filme “Recado de Bendegó”, a história é contada a partir da memória da pedra, que apresenta sua origem e histórias que carrega.

Figura 19: Desenho presente no filme KANAUKYBA



Fonte: Gustavo Caboco, 2023.

Figura 20: Capa do livro Recado do Bendegó : conversas com a pedra

RECADO DO BENDEGÓ



Fonte: Gustavo Caboco e Pedra do Bendegó, 2021

Figura 21: Desenho presente na publicação “Primeiros Ensaios”



Fonte: Gustavo Caboco, 34a Bienal de São Paulo. 2020.

...

Em oposição à movimentação universal de apagamento da existência de pessoas trans, o Archivo de la Memoria Trans (AMT) é um espaço desenvolvido com a missão de reunir, documentar e preservar memórias de vida da comunidade trans argentina.

O AMT surge como uma ferramenta de compartilhamento de vivências em uma época em que muitas pessoas trans estavam em exílio, surge como forma de registrar as sobreviventes e suas recordações. Hoje, com mais de 15.000 documentos (entre eles, itens como fotografias, cartas, notícias de jornal e diários pessoais), configura-se como uma referência em documentação da memória coletiva da população trans, incentivando diversos outros coletivos à preservação dessas histórias.

Figura 21: fotografia do acervo do AMT



Fonte: Archivo de la Memoria Trans, sem data.

Essas imagens, apesar de serem específicas do contexto argentino, contam histórias que ultrapassam países, fundam um acervo coletivo que me conta tudo que eu não vi. A partir de uma colagem de histórias individuais e enigmáticas, possibilita nossas confabulações sobre essas personagens e os babados que elas me contariam enquanto fumamos um cigarro.

Figuras 22 e 23: fotografias do acervo do AMT



Fonte: Archivo de la Memoria Trans, sem data.

Figura 24: fotografia do acervo do AMT



Fonte: Archivo de la Memoria Trans, sem data.

...

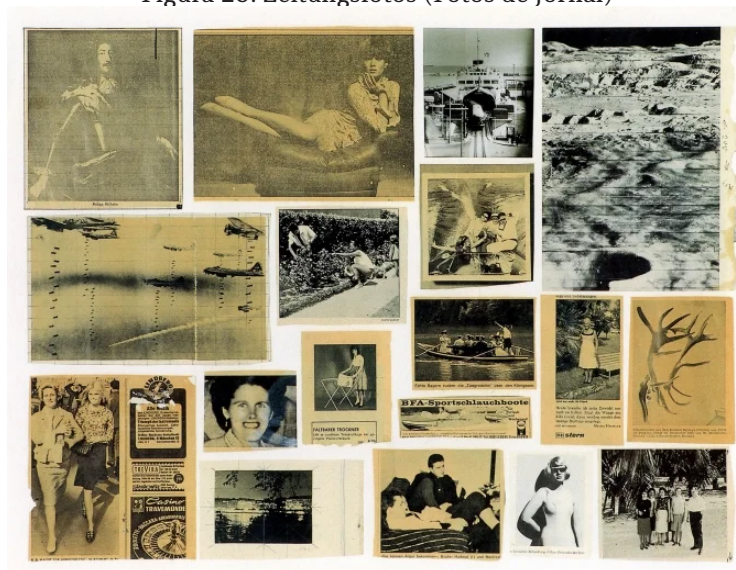
Um atlas é normalmente um conjunto de mapas e esquemas cartográficos que tem o objetivo de registrar territórios. No caso da proposta do pintor alemão Gerhard Richter, sua obra “Atlas” é uma instalação de murais montados com fotografias, desenhos e recortes de jornal. A coleção iniciou com uma organização das fotos familiares do artista e aos poucos foi se expandindo para fotos que ele tirava como pesquisa para futuras pinturas e imagens de outras autorias.

Em “Atlas”, podemos assistir a categorização que Richter faz ao reunir essas figuras, justapondo imagens banais e ima-

gens densas, que nunca se encontrariam se não nessa organização. Dessa forma, o trabalho reúne histórias vividas pelo artista e histórias vividas por outres.

“No começo eu tentei acomodar tudo que estava em algum lugar entre arte e lixo, e isso de alguma forma pareceu importante para mim e me deu pena de jogar fora.”¹³, afirma Richter. Nesse lugar do acúmulo, entre o que é arte e o que é lixo, o artista me conta o que ele viu ali.

Figura 25: Zeitungsfotos (Fotos de Jornal)



Fonte: Gerhard Richter, 1962-1968.

Figura 26: Für 48 Portraits (Para 48 retratos)



Fonte: Gerhard Richter, 1971.

...

Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi realizam em 2021 a performance “2021: Feitiço para ser invisível”. A performance consiste basicamente em 3 etapas. Na primeira, Mombaça e Mattiuzzi se reúnem em uma sala fechada, lêem conjunta-

¹³ Tradução livre de uma entrevista de Gerhard Richter feita pelo Cur-sinho Prévia na aula de Apropriação(2021).

mente um texto pré definido e, sobre grandes folhas de papel, fazem registros de reflexões e pensamentos que surgiram ao longo da leitura. No segundo momento, em um espaço expositivo aberto a um público, fazem uma leitura em voz alta dos registros rabiscados, compartilhando as suas reflexões com quem assiste à performance. Na parte final, frente ao público, as artistas utilizam do mesmo material que foi utilizado para anotar (o carvão), para rasurar as anotações feitas, transformando-as em ruídos.

Figura 27: Musa Michelle Mattiuzzi rasurando as anotações.



Fonte: Bienal de São Paulo, 2021.

O que Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi elaboram aqui, que me faz pensar que estão também contando de tudo que viram, são as relações com o conceito de “direito

à opacidade”, desenhado por Édouard Glissant¹⁴. Ao cobrir as relações estabelecidas com os rabiscos, é permitido que embaralhemos esses registros, e assim abre-se espaço para a confabulação. Permitindo a incerteza das coisas, olhar para os caminhos que foram traçados, mas também fantasiar caminhos a serem andados.

14 “Direito à opacidade” é um texto de Édouard Glissant traduzido e publicado na Revista Criação e Crítica em 2008, mas originalmente publicado em seu livro *Poética da relação* (1990).

3.1.1 *playlist pra te contar de tudo que eu vi*

Do leme ao Pontal - **TIM MAIA** 

Curumim Chama Cunhatã Que Vou Contar - **JORGE BEN JOR** 

Baião Destemperado - **BARBATUQUES** 

A História de Lily Braun - **GAL COSTA,** 
EDU LOBO, CHICO BUARQUE

Copacabana (At the Copa) - **BARRY MANILOW** 

Como Nossos Pais - **ELIS REGINA** 

Junk - **PAUL MCCARTNEY** 

Nu Com A Minha Musica - **CAETANO VELOSO** 

Traduzir-se - **FAGNER** 

Para Lennon e McCartney - **MILTON NASCIMENTO** 

Asa Delta - **CÍCERO** 

Zumbi - **JORGE BEN JOR** 

ESTABLECENDO

amizades

ENTRE

MUNDOS

3.2 ESTABELECENDO AMIZADES ENTRE MUNDOS



Em 1863, em Paris, onde vinha acontecendo a prática dos salões de arte organizados pelo Estado francês, aconteceu uma exposição chamada “Salão dos Recusados”. Essa exposição foi um salão organizado pelo Estado a partir de uma série de protestos que aconteceram na capital francesa, realizados por artistas que tiveram suas obras recusadas pelo júri do Salão de Paris. Entre as obras do Salão dos Recusados, Manet apresentava a sua pintura “O almoço na relva”. A pintura causou extremo desconforto para os espectadores por diversos motivos, entre eles, a imagem de uma mulher nua olhando para o espectador, reunida numa floresta com homens vestidos formalmente.

Após anos e estudos acerca da pintura, foi assumido, através de rascunhos e pesquisas das referências do artista, que o processo criativo de Manet para a confecção dessa obra se deu a partir do contato do artista com outras obras, numa espécie de colagem.

Figura 28: Almoço na Relva



Fonte: Édouard Manet, 1865.

Observando a pintura “O Concerto Pastoral” de Ticiano, produzida aproximadamente 300 anos antes da pintura de Manet, conseguimos perceber uma citação direta a respeito da temática do quadro. As duas são pinturas em que, num ambiente similar a uma floresta, é feita uma reunião de pessoas, entre elas, pessoas que são representadas como homens, estão vestidas, e pessoas que são representadas como mulheres, estão desnudas.

Além da questão temática, também é possível estabelecer uma relação entre as duas pinturas a partir das suas compo-

sições, em que a conversa acontece centralizada na pintura, entre uma das pessoas desnudas e as duas pessoas vestidas, enquanto a quarta pessoa está praticamente nua, mas ainda carrega um tecido branco consigo. Essa quarta pessoa, nos dois casos, encontra-se afastada da cena principal, no caso de Manet, ao fundo, no que parece um riacho; e no caso de Ticiano, no primeiro plano, também em contato com água, mas em uma estrutura de fonte.

Ainda sobre a composição, nas duas obras existe uma profundidade e a construção de um ambiente em último plano, afastado da cena que vemos de perto, também centralizado.

Figura 29: O Concerto Pastoral



Fonte: Ticiano, c 1509.

Outra citação que Manet faz na sua pintura é a partir de uma gravura produzida por Marcantonio Raimondi, representando uma pintura de Rafael que foi perdida com o tempo. Na gravura produzida também cerca de 300 anos antes da pintura de Manet, podemos observar no canto direito inferior uma configuração de roda entre três pessoas. Reparando bem na posição dos envolvidos, conseguimos perceber a referência direta que Manet faz em seu “Almoço na relva”, emprestando de Rafael (via Marcantonio Raimondi) as posturas dos representados.

Figura 30: O Julgamento de Paris



Fonte: Marcantonio Raimondi, c 1510-20.

Figura 31: Detalhe de O Julgamento de Paris



Fonte: Marcantonio Raimondi, c 1510-20.

Apesar de Rafael e Ticiano terem sido contemporâneos um do outro, Manet, ao trazer elementos desses artistas de 1500 para 1850, estabelece amizades entre mundos, adaptando seja a temática ou composição para a sua proposta, modificando coisas como as roupas da época ou a região que retrata.

...

Maxwell Alexandre vem há alguns anos desenvolvendo uma série de trabalhos que foi nomeada “Pardo é papel”. A série reúne em pinturas sobre papel pardo um compilado de imagens de situações de empoderamento negro.

Na sua pintura “Éramos a cinza e agora somos o fogo”, que recebe esse nome a partir de uma música do rapper BK, Maxwell continua a proposta estabelecida com a série “Pardo é Papel”, inserindo ícones reconhecíveis. O pintor reúne nesta imagem figuras de diversos artistas (ou menções a suas obras), como Basquiat, Bispo do Rosário, Sidney Amaral, James Brown e Nina Simone.

Além de figuras famosas como as citadas acima, Maxwell também traz em sua pintura personagens que não estão bem definidos, mas que retratam uma experiência coletiva, como as imagens de pessoas se formando, pessoas em trajes religiosos, uniforme das escolas do Rio de Janeiro, policiais, entre outros. Apesar dessas imagens aparecerem quase como em uma colagem, sem conexão direta entre as figuras, o artista utiliza dessa estratégia para falar sobre algo maior do que a experiência individual de cada uma daquelas pessoas.

No catálogo de sua exposição¹⁵, Maxwell afirma: “Hoje eu ocupo uma posição de poder nesse jogo como um artista que pode criar mundos possíveis”(pg. 11, 2020). Assim, o artista se conscientiza das suas potências enquanto criador de imagens que trabalha em cima de imagens já estabelecidas nos imaginários da população, mas estabelecendo relações outras.

Figura 32: Éramos as cinzas e agora somos o fogo



Fonte: Maxwell Alexandre, 2018.

...

Durante a década de 60, o artista Robert Rauschenberg realizou uma série de pinturas que envolviam, para além do pincel e tinta, as telas de serigrafia. Rauschenberg reuniu diversas imagens vindas de jornais, livros de geografia, imagens cotidianas e de esportes como o boxe; e imprimiu repetidas vezes em suas telas, assim como vinha fazendo Andy Warhol.

No entanto, algo que o diferenciava da produção de Warhol

¹⁵ Exposição “Pardo é Papel”, realizada entre 2020 e 2021 na Fundação Iberê.

era a justaposição dessas imagens. Enquanto Warhol repetia as imagens em série, lado a lado, estabelecendo relações com a produção industrial, Rauschenberg misturava essas impressões, intimando o espectador a traçar relações entre as imagens.

Figura 33: Retroactive I



Fonte: Robert Rauschenberg, 1963.

No caso da pintura “Retroactive I”, feita em 1963, o artista centraliza a impressão de uma fotografia de John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos que havia acabado de ser assassinado¹⁶, e à sua esquerda, a mão repetida em outra impressão. Ainda no lado esquerdo, vemos a imagem de um astronauta retirada de uma revista e uma caixa com laranjas. No lado direito, vemos um copo, um termômetro, imagens de um corpo nu em movimento, entre outras coisas.

A justaposição dessas imagens em diferentes cores e momentos da tela podem nos levar a diversas interpretações e relações. Uma das principais associadas a esse trabalho é a relação da imagem do presidente e a do astronauta, pelo fato de Kennedy ser um dos presidentes que estava empenhado na corrida espacial contra a Rússia.

O trabalho de Rauschenberg aqui funciona como uma re-introdução do uso de imagens na pintura, indo na contramão do expressionismo abstrato dessa mesma época. Dizemos “re-introdução”, pois a forma que artistas como Rauschenberg e Warhol se utilizam dessas imagens ainda revela a mão do artista, com gotas que escorrem, pinceladas, e intervenções sobre as impressões; diferente das formas representativas realistas anteriores.

¹⁶ Quando Rauschenberg encomendou as telas de serigrafia gravadas, havia enviado a fotografia de Kennedy quando ainda estava vivo e era o presidente dos Estados Unidos. Quando recebe a encomenda, o assassinato do presidente acabara de acontecer, o que muda completamente o que a imagem encomendada significava antes.

...

Em 2005, a partir de um olhar para cenas de filmes em que apareciam relógios ou em que o horário é mencionado, Christian Marclay se perguntou se seria possível encontrar frames de relógios para todos os minutos que existem em um dia. Em 2010, Marclay consegue, e lança o resultado dessa pesquisa de 5 anos¹⁷.

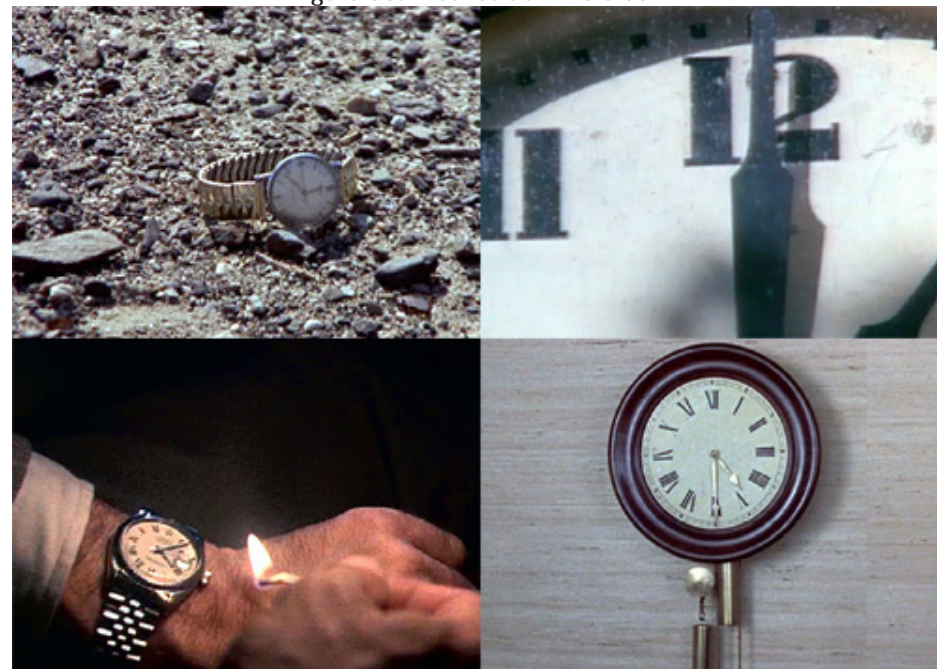
“The Clock”, “O Relógio”, em inglês, é um vídeo com duração de 24 horas, reunindo aproximadamente 12 mil clipes de diferentes filmes. Foi desenvolvido para ser apresentado de forma contínua, levando um dia inteiro para reiniciar em loop, de forma que o fim é seguido pelo início novamente.

Figura 34: Videoinstalação “The Clock”



Fonte: Christian Marclay, 2010.

Figura 35: Trechos de “The Clock”



Fonte: Christian Marclay, 2010

Na obra, Marclay reúne enredos diferentes, personagens novos a cada minuto, diferentes épocas do ano, diferentes cores, ambientes e vozes. Organiza uma nova realidade e enredo a partir de enredos individuais, estabelecendo amizades entre mundos.

...

¹⁷ Importante pontuar que para a realização de “The Clock” foi organizado um grupo de pesquisa coletivo que teve incentivos financeiros de galerias.

Figura 36: Nokitsínda Copo (Amigo de Copo)



Fonte: Denilson Baniwa, 2023

A obra *Nokitsínda Copo*, de Denilson Baniwa, referencia o conceito “Nokitsínda”, que na língua Baniwa “é o amigo-irmão que nos acompanha para o que der e vier, que está junto em qualquer lugar. Apesar de sermos diferentes, nos damos muito bem com estes amigos que tratamos como família. É com eles que desabafamos e neles em que confiamos sempre.”¹⁸. No título da pintura, o conceito é seguido da palavra “Copo”, estabelecendo uma relação com a expressão “Amigo

de Copo”, para amizades que se estabelecem a partir da mesa de bar.

Ao falar sobre amizade, Denilson escolhe colocar à mesa: a figura do Pato Donald, um dos personagens principais da Turma do Mickey Mouse, ícone estadunidense, desenvolvido por Walt Disney; e a figura do Zé Carioca, personagem mais secundário da Turma do Mickey, que representa um papagaio verde brasileiro carregado de estereótipos, como o do “malandro carioca”. Essa escolha envolve uma ironização da situação em relação à palavra que dá título à obra, ao afirmar que os Estados Unidos da América (representados pelo Pato Donald) e o Brasil (representado pelo Zé Carioca) são amigos-irmãos, que, apesar de diferentes, se dão bem e podem confiar um no outro (e tudo isso partindo de um ponto de vista estadunidense, pensando que a figura brasileira retratada foi desenvolvida pelos EUA).

Apesar de os dois personagens já se conhecerem no desenho da Disney, aqui são inseridos em outro espaço, que recebe recortes para ambientar essa sala, como rótulos de cerveja, a cifra e letra de um samba e citações referentes à tradição de ir ao bar às sextas-feiras, por exemplo.

¹⁸ Definição encontrada no site da galeria que representa Denilson, A Gentil Carioca. Disponível em: <<https://www.agentilcarioca.com.br/artists/111-denilson-baniwa/works/10341-denilson-baniwa-nokit-sinda-copo-amigo-de-copo-2023/>>. Acesso em: 09 de out. de 2024.

3.2.1 *estabelecendo amizades entre mundos*

Mete um Block Nele/'S Wonderful - **MÃEANA** 

Aquelas coisas/Besame Mucho - **MÃEANA** 

Digo ou Não Digo/Insensatez - **MÃEANA** 

Rainha da Finesse - **WIU** 

Rolling in the Deep (The Aretha Version) - **ARETHA FRANKLIN** 

Doja Cat x Danny Bond - Tcheca / Say So - **S4TAN** 

Mtg Quero Te Encontrar - **DJ JZ, HUMBERTO&RONALDO,** 
MC MINININ, DJ LG PROD, SILVANNO SALLES

MTG COLO DE MENINA - **DJ LUAN GOMES, RASTAPÉ** 

CHIRIRO - **MULÚ, DUDA BEAT** 

Copo de Veneno Vs Hoje Que a Santinha - **DJ MÉURY,** 
DJ RONALDO MAREZIA, MC SAPINHA

Metal Contra As Nuvens - **LEGIÃO URBANA** 

When I'm Sixty-Four - **PAULO SÉRGIO SANTOS** 

MTG QUEM NÃO QUER SOU EU - **DJ TOPO,** 
MC LEOZIN, SEU JORGE, MC G15

Mulheres - **MARTINHO DA VILA FEAT. ADELE** 

Good 4 ur Misery Business - **PARAMORE, OLIVIA RODRIGO** 

Numb Life - **LINKIN PARK, EVANESCENCE** 

Elas Lost Control - **VINTCHEN.20EN** 

4 Grimes X MC Carol - Oblivion Loló (Jaloo Mashup) - **GEORGE GOMES** 

Neil Cicierega - **WALLSPIN** 

Misery Business Até Que Durou - **PARAMORE, PÉRICLES** 

Pot-Pourri: Melhor Eu Ir / Ligando os Fatos / Sonho de Amor /

Deixa Eu Te Querer - Ao Vivo - **GRUPO MENOS É MAIS** 

Seigfrie / Self Control / White Ferrari - **WOOM** 

MILTON SUITE - **SAM GENDEL, SAM WILKES** 

Rainha dos Faixa Preta, Vai Luan - **MC BRUNYN, ELLY** 

Lovely Day / Good as Hell Mashup - **POMPLAMOOSE** 

Hush Hush; Hush Hush / I Will Survive - Medley - **THE PUSSYCAT**
DOLLS 

Crazy In Love Medley - Audio from The Beyonce Experience Live -
BEYONCÉ 

guarda
preciosidades
descartáveis
e vejo
nelas
narrativas
possíveis

3.3 GUARDO PRECIOSIDADES DESCARTÁVEIS E VEJO NELAS NARRATIVAS POSSÍVEIS



A obra “Nomes”, elaborada em 1989 pela artista paulistana Jac Leirner, é uma composição que cobre uma parede inteira com sacolas plásticas costuradas, criando uma espécie de muro. As sacolas foram reunidas pela artista, que utiliza desse material como quem utiliza papéis coloridos para fazer uma colagem ou pedaços de tecido para compor uma colcha de retalhos.

Figura 37: Nomes



Fonte: Jac Leirner, 1989

Figura 38: Vista da exposição no Museu Tamayo, México



Fonte: Jac Leirner, 2014

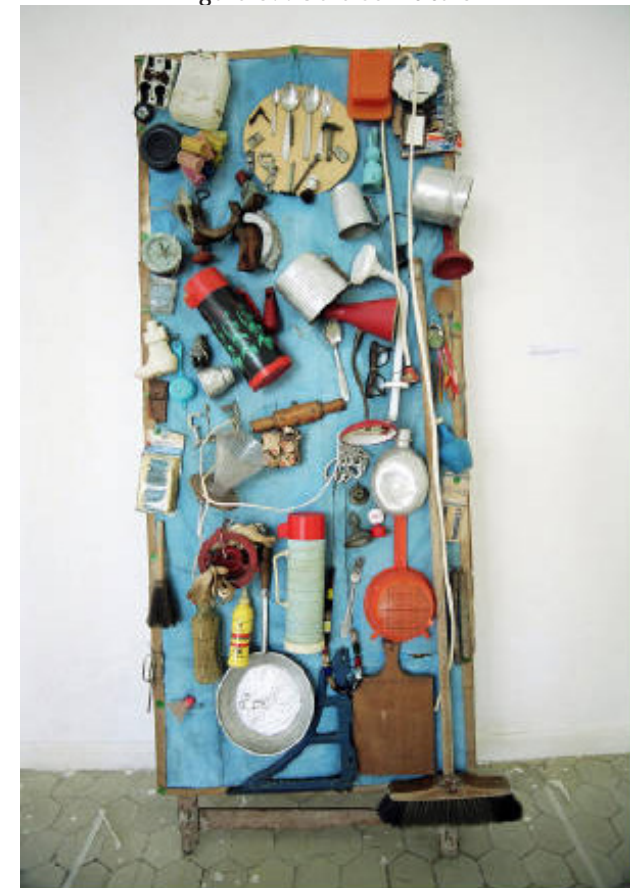
O trabalho de artista-colecionadore que Leirner realiza apresenta a possibilidade de se apropriar de tudo o que existe no mundo como potencial matéria prima da nossa obra, sejam sacolas plásticas, maços de cigarro vazios ou adesivos.

...

Durante o tempo que Arthur Bispo do Rosário esteve na Colônia Juliano Moreira, ele criou diversos objetos esculturais,

unindo pedaços do seu cotidiano. A respeito dessa produção, Fabiana Murtosa Faria afirma: “As coleções de Bispo arrancam o objeto de sua própria inércia, dão-lhe um nome, um lugar e uma história”(2007), dessa forma, cada pedaço recolhido por Bispo recebe um novo significado quando junto de outros, e mais ainda a partir do momento em que são reconhecidos como obras plásticas.

Figura 39: Obra sem título



Fonte: Arthur Bispo do Rosário, sem data.

Seleciono a obra acima como um exemplo do que estamos falando. Nela, encontramos diversos objetos presos a uma placa de madeira de quase dois metros, objetos como garrafas, talheres e outros elementos que em geral são associados ao ambiente doméstico. Bispo aqui constrói uma nova imagem a partir do modo que posiciona esses itens, adicionando camadas com as interações de cor e diferentes materiais.

...

Desde os anos 1960, a chilena Cecilia Vicuña vem produzindo uma série de esculturas nomeadas de “Precários”. Estas são pequenas composições de objetos que a artista encontra, como conchas, pedaços de plástico, vidro, tecido, pedras etc.; e ressignifica em um novo objeto.

Figura 40: Vista da instalação no Wexner Center of Arts



Fonte: Cecilia Vicuña, 2019

Figura 41: sem título (Precários)



Fonte: Cecilia Vicuña, 1966-2024

Figura 42: Poncho quipu (Precários)



Fonte: Cecilia Vicuña, 1966-2024

Ao colecionar estas miudezas que muitos chamariam de lixo, Vicuña propõe uma discussão sobre produção em massa e descartes incorretos, ao mesmo tempo que estabelece uma delicada dança entre as diferentes texturas, temporalidades e cores dos objetos.

3.3.1 *quando preciosidades descartáveis e vejo nelas narrativas possíveis*

Malandro Demais Vira Bicho - **FEBRE90s, SONOTWS, PUMAPJL** (≡)

INVENTEI O SEU JEITO DE AMAR - **FLORA MATOS** (≡)

FEBRE - **LINIKER** (≡)

CAJU - **LINIKER** (≡)

Principia - **EMICIDA, FABIANA COZZA,** (≡)
PASTOR HENRIQUE VIEIRA, PASTORAS DO ROSÁRIO

Isn't She Lovely - **STEVIE WONDER** (≡)

Brega do Pam Pam - **SYON TRIO, MC RAFA 22** (≡)

Maria de Vila Matilde - **DOUGLAS GERMANO** (≡)

Comigo Ninguém Pode - **MC THA** (≡)

Bololo Hahaha - **MC BIN LADEN** (≡)

A Ordem Natural das Coisas - **EMICIDA, MC THA** (≡)

Goela - **LINIKER E OS CAMELOWS** (≡)

If You're Feeling Sinister - **BELLE AND SEBASTIAN** (≡)

Better Numb - **BLOOD ORANGE** (≡)

Got'Til It's Gone - **JANET JACKSON, Q-TIP, JONI MITCHELL** (≡)

Botano (Útero Baixo) - **DJ CAIO PRINCE,** (≡)
MC LUANNA, MU540, DJ THIAGO MARTINS

Crying in the Rain - **A-HA** (≡)

DG | DubplateSystem @FunctionFM 14.05.2024 - **FUNCTION!** (≡)

Birds, Pt. I - **CHASSOL** (≡)

Music is God My Love - **CHASSOL** (≡)

XIXth Century - **CHASSOL** (≡)

Be Yourself - **FRANK OCEAN** (≡)

What You Want Is? - **J. RAWLS, PASE ROCK** (≡)



3.4 VELHAS IMAGENS, NOVOS CENÁRIOS



A partir do entendimento do nosso tempo em estado de guerra, marcado pela pandemia do Covid-19, Ventura Profana, na recusa da apenas sobrevivência, elabora colagens digitais como forma de expor a desgraça causada pelo vírus colonial, e com isso responsabilizar a branquitude pelo trágico cenário social, ambiental e econômico em que vivemos. Para falar sobre essa pesquisa, apresentamos 3 imagens criadas pela travesti multiartista baiana.

Figura 43: A branquitude é demoníaca e o vírus colonial



Fonte: Ventura Profana, 2020.

Na primeira, Ventura usa de imagens históricas e conhecidas, como o incêndio na Catedral de Notre Dame, tanques de guerra, aviões e referências às navegações colonizadoras, para colocar em jogo as raízes do nosso cenário atual. Ao usar imagens reais, de fatos que realmente aconteceram e acontecem, a artista, por meio da metodologia da colagem, nos faz refletir sobre qual a relação entre esses símbolos. No centro da obra, escrito sobre as costas de uma figura referencial da igreja católica, as frases “A branquitude é demoníaca” e “O vírus é colonial” denunciam respostas para essas perguntas, apontando a branquitude como agente do caos e a importância de entender que a crise pandêmica é fundamentada em estruturas coloniais.

Figura 44: Série Sonda



Fonte: Ventura Profana, 2020.

Na segunda, num cenário lamentável e apocalíptico, a artista funde imagens de poluição de diversos lugares, como as ilhas de plástico no Pacífico e o rio Tietê em São Paulo. Com essa mistura e esse acúmulo gerado, o trabalho conecta uma investigação sobre as águas com a questão global da produção de lixo humano, gerando representações desse possível futuro que já é atual em diversos lugares do planeta.

Na última selecionada, Ventura nos alimenta de uma rota de fuga contra essa realidade que tenta nos eclipsar. Organiza na colagem esse cenário de reconexão da vida com a natureza por meio de um reflorestamento das travestilidades ancestrais. Ao posicionar junto de rios e árvores centenárias figuras de travestis negras como Bianca Kalutor, Jup do Bairro, Jota Mombaça, Castiel Vitorino, Manauara Clandestina e Linn da Quebrada, a artista busca nas suas, nas que ama e protege, nas existências que incomodam a cisgeneridade branca colonial, um caminho possível.

Figura 45: Série Sonda



Fonte: Ventura Profana, 2020.

...

O artista mineiro Randolpho Lamonier vem elaborando uma série chamada de “Profecias”, que consiste em bandeiras costuradas em tecidos diversos que prometem um futuro utópico. Nessas profecias, Lamonier estabelece um diálogo de frases e imagens esperançosas de um futuro que buscamos, findando desigualdades e violências, mas que ainda se encontra bem distante.

Figura 46: Série “Profecias”



Fonte: Randolpho Lamonier, 2018-2021

Figura 47: Série “Profecias”



Fonte: Randolpho Lamonier, 2018-2021

Para além de utilizar tecidos, que já carregam suas próprias histórias, o artista se apropria de histórias de resistência (e existências) para construir novos cenários.

...

Em “Carta ao velho mundo”, Jaider Esbell faz intervenções sobre um livro de história da arte. Um livro que narra uma história que acontece entre “pinturas rupestres” e pinturas européias, velhas imagens de um contexto específico, que não deve pretender representar a história global da arte, mas pretende¹⁹.

Ao se apropriar desse livro e dessas imagens, Jaider as transfere para outros lugares, a partir de uma visão da arte indígena contemporânea, inserindo diálogos e pensamentos para as personagens do livro e dessa tal história da arte. Nessas realidades outras, as pessoas de elite retratadas são entendidas como também agentes do colonialismo, e das suas consequências até hoje, do genocídio indígena.

¹⁹ A respeito de livros, como este usado por Jaider, que pretendem contar “A História da Arte”, indico conhecer o projeto “A História da _rte”, idealizado por Amália dos Santos, Bruno Moreschi e Gabriel Pereira, que realizou uma pesquisa a respeito do conteúdo de 11 livros referência no tópico. A pesquisa revela dados que mostram que a maioria dos artistas citados são homens, brancos, europeus, estadunidenses e pintores. O panfleto realizado se encontra disponível em <https://brunomoreschi.com/Historia-da_rte>. Acesso em: 09 de out. de 2024.

Figura 48: Página de “Carta ao Velho Mundo”



Fonte: Jaider Esbell, 2018-2019

Na imagem acima, presente no livro, vemos a imagem de uma

mulher branca de elite vestida com trajes de luxo e segurando uma bandeja. Devido à intervenção, não conseguimos ver o que existia na bandeja, que na ocasião é substituída pela cabeça de um indígena, como simbolismo do que é gritado nas frases escritas também sobre a imagem, denunciando: “A violência é um ciclo longo. Ordens antigas continuam ecoando e chegaram agora nas últimas florestas virgens do mundo, A ordem: exterminar.”

...

Por meio de bancos de dados que funcionam com inteligências artificiais, Igi Lola Ayedun cria a série “Eclosão de um sonho, uma fantasia”, alimentando sistemas de produção de imagens a partir de textos que relacionam a ancestralidade com o futurismo.

Sobre essa série, Igi afirma:

Ao caminhar por essa fortaleza de possibilidades, os valores y impactos das iconografias de organização (ou desorganização) do tempo presente são refutados, da mesma forma que o destino de nossas identidades, o estreitamento da malha entre futuro y passado, y o papel do poder da narrativa naquilo que se vê, se enxerga y se percebe. Há muito que venho sonhando com imagens que nunca vi (pg. 1, 2023).

Figura 49: Há muito que venho sonhando com imagens que nunca vi –IX



Fonte: Igi Lola Ayedun, 2022

Neste trabalho, Ayedun explora também os significados de fotografia, pensando que, a partir da descrição textual, as ferramentas de inteligência artificial conseguem criar imagens muito similares a fotografias, compondo uma espécie de colagem a partir de imagens já existentes.

Figura 50: Há muito que venho sonhando com imagens que nunca vi –IV



Fonte: Igi Lola Ayedun, 2022

3.4.1 *velhas imagens, novos cenários*

Só Quer Vrau - **MC MM, DJ RD** 

Bum Bum Tam Tam - **MC FIOTI, NOVO IMPÉRIO** 

Tio Sam - **PABLO VITTAR (IA)** 

Jolene - **BEYONCÉ** 

Saudosismo - **CAETANO VELOSO** 

MEGA AGRESSIVO PROIBIDO FUMAR - **LEOZINN NO BEAT** 

Savana, Céline, Aya, Pt. 1 & 2 (Official Video) - **CHASSOL** 

Primeiro Beck Ela Me Mamou - **MC KITINHO,** 
MC GUIZINHO NIAZI, DJ DEIVÃO, SILVA MC

Bruna, Tu Já Parou Pra Pensar - **NIACK** 

Mega Antidepressiva - Senta Maria Vai - **MC FURDUNÇO, DJ MENDES** 

Agora Estou Sofrendo - **RAQUEL DOS TECLADOS** 

Não Chore - **BONDE DO MALUCO** 

O Astronauta de Mármore - **NENHUM DE NÓS** 

Se Não Valorizar - **SOLANGE ALMEIDA** 

Você Ainda Pode Sonhar - **RAULZITO E OS PANTERAS** 

Eu Sou Stefhany (Crossfox) - **STEFHANY ABSOLUTA** 

Não Peide Aqui, Baby - Live - **MAMONAS ASSASINAS** 

Sonia - **LEO JAIME** 

Meu Anjo Azul - **FORRÓ ANJO AZUL** 

Era Tão Bom - **LUDMILLA** 

Blá Blá Blá - **AVIÕES DO FORRÓ** 

Não Vale a Pena - **CALCINHA PRETA** 

Mexeu Comigo - **PRISCILA SENNA, CIEL RODRIGUES** 

Só Pode Ser Amor - **CAVIAR COM RAPADURA** 

Como Fui Me Apaixonar - **CALCINHA PRETA** 

Tem Mais Alguém? - **CALCINHA PRETA** 

Sol Do Meu Verão - **NODA DE CAJU** 

Rapaz - **WÂNDALO, HIGOR BÉCKER** 

Paredão Triste - **WÂNDALO, GORFO DE PANDA** 

Tão Carente - **MOLECA 100 VERGONHA** 

Bateu a Química - **RAQUEL DOS TECLADOS** 

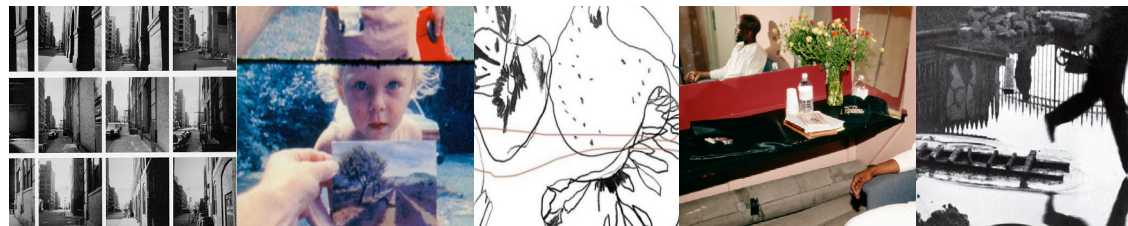
É Tudo pra Mim - **BANDA PAIXÃO DO CALYPSO** 

Open Bar - **PABLO VITTAR, MULÚ** 

Pede Pra Eu Ficar - **PABLO VITTAR** 



3.5 COMPARTILHAR O OLHAR



O advento da fotografia nos permitiu, entre muitas outras coisas, a possibilidade de congelar instantes. Para fundamentar isso, apresento o que o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson escreveu sobre o ato de fotografar:

Tinha descoberto a Leica²⁰: ela se tornou o prolongamento do meu olho e não me deixa mais. Eu andava o dia inteiro com o espírito alerta, procurando nas ruas a oportunidade de fazer ao vivo fotos como de flagrantes delitos. Tinha sobretudo o desejo de captar numa só imagem o essencial de uma cena que surgisse (pg. 16,2015).

Esse espírito alerta e de flagrante é muito visível nas fotos de Bresson, em que captura muitas vezes imagens em movimento, como na clássica “Atrás da Gare Saint-Lazare”, fotografada em 1932.

²⁰ Se referindo a uma câmera fotográfica da marca Alemã “Leica”.

Figura 51: Atrás da Gare Saint-Lazare



Fonte: Henri Cartier-Bresson, 1932.

No mais, Cartier-Bresson também ficou muito conhecido por seus registros fotojornalísticos, e, a respeito desse tipo de registro, afirma: “Nós vemos e fazemos ver, numa espécie de testemunho, o mundo que nos circunda, e é o acontecimento por sua própria função que provoca o ritmo orgânico das formas(pg. 20, 2015)”.

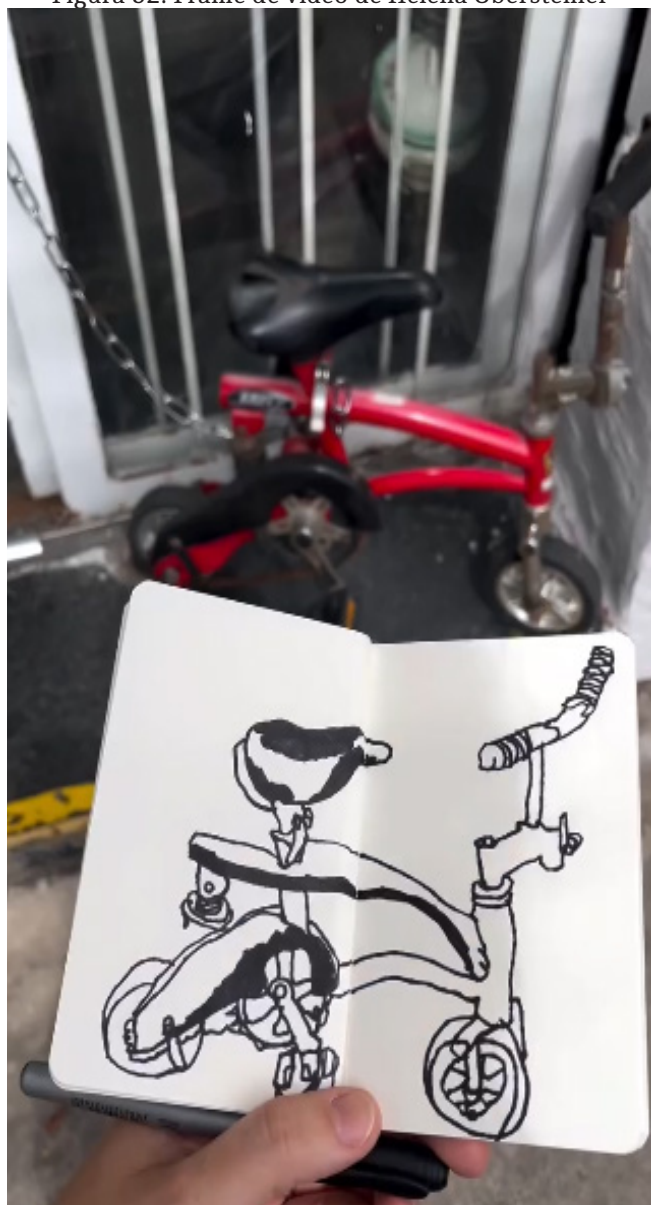
...

Assim como no caso da fotografia de instante, aqui se poderia discorrer num geral sobre a prática do desenho de observação, desde tempos em que se era usado como substituto para coisas que ainda não podiam ser fotografadas, desenho como registro; ou rascunhos para futuras pinturas. Mas não aqui; escolho falar da pesquisa de Helena Obersteiner com o desenho de observação.

Helena, por meio dos seus trabalhos plásticos e oficinas que ministra, estabelece uma relação do ato de desenhar com o ato de perceber. Em vídeos convidando os espectadores a registrar seus passeios, seja com desenhos no caderninho, fotografia etc.; afirma: “o movimento é um princípio da vida e o desenho de observação, uma oportunidade de nos reconhecermos em relação ao mundo(2024)”²¹.

²¹ Fala retirada do vídeo de divulgação do curso “O mundo em movimento: desenhos no Parque Ibirapuera” em março de 2024.

Figura 52: Frame de vídeo de Helena Obersteiner



Fonte: Helena Obersteiner, 2024.

Figura 53: Frame de vídeo de Helena Obersteiner



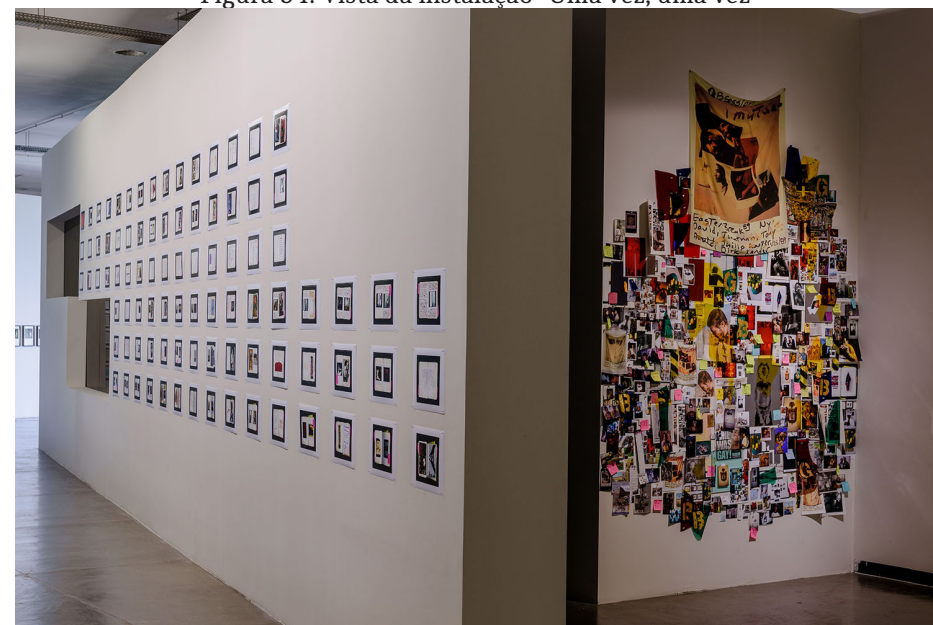
Fonte: Helena Obersteiner, 2024.

Na mesma linha de pensamento de Obersteiner, resgato um capítulo que me acompanhou durante a graduação: “Ver e traçar”, de Paul Valéry(1936). O texto defende que “o desenho de observação de um objeto confere ao olho certo comando alimentado por nossa vontade”(p. 61, 1938), ou seja, entender o nosso traço como sendo comandado pelo nosso olhar. Dessa forma, no exercício de desenhar de observação, é necessária uma atenção ao momento, ao valorizar o instante e o nosso olhar sobre o instante.

...

Em 2016, na ocasião da 32ª Bienal de São Paulo, de nome “Incerteza Viva”, o fotógrafo novaiorquino Lyle Ashton Harris apresentou uma instalação cujo nome era “Uma vez, uma vez”. A obra era composta por uma parede com cópias de páginas de cadernos com escritos, fotografias e desenhos do artista. Nessa parede também era possível, por meio de uma janela, ver um outro ambiente, onde estavam sendo reproduzidas fotografias. Após passar por esta parede, o espectador se deparava com outra parede com fotografias, recortes de revista, post-its, entre outras coisas. Em seguida, se deparava com um corredor escuro para adentrar uma sala.

Figura 54: Vista da instalação “Uma vez, uma vez”



Fonte: Lyle Ashton Harris, 32ª Bienal de São Paulo, 2016.

Ao entrar na sala escura, reencontrava aquele espaço que havia visto pela janela anteriormente. Um espaço com diversas projeções simultâneas de fotografias e vídeos, em telas, nas paredes e em tecidos.

Essa instalação exhibe imagens que fazem parte de uma série que Lyle desenvolveu entre os anos 1986 e 1998, fotografando com o filme fotográfico Ektachrome, da Kodak, o que permite cores vivas e saturadas.

Figura 55: Vista da instalação “Uma vez, uma vez”



Fonte: Lyle Ashton Harris, 32ª Bienal de São Paulo, 2016.

As temáticas das imagens apresentadas variam entre momentos de intimidade, como fotografias de pessoas próximas ao artista e registros de lugares que frequentava; e registros de fatos marcantes da história dos Estados Unidos, principalmente para as comunidades pretas e queer. Assim, a obra reúne em relatos-memórias, imagens que permeavam o cotidiano do artista.

Figura 56: Foto do Arquivo Ektachrome



Fonte: Lyle Ashton Harris, 1986-1998.

Figura 57: Foto do Arquivo Ektachrome



Fonte: Lyle Ashton Harris, 1986-1998.

...

Em 2000, o cineasta Jonas Mekas lançou o que viria a ser um dos filmes mais longos que realizou em sua carreira: “As I Was Moving Head Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty”, que foi traduzido como “Ao Caminhar Entrevi Lampejos de Beleza”. O longa, que tem mais de 4 horas de duração, conta com imagens produzidas ao longo de 30 anos do cotidiano de Mekas e narrações.

Figura 58: Frames do filme “As I Was Moving Head Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty”



Fonte: Jonas Mekas, 2000

Ao longo das 4 horas de filme, o cineasta realiza esse convite íntimo de viver com ele a sua vida, de reparar junto nas belezas do mundo, como ver os filhos crescendo, amigos próximos se casando e como a luz passou pelas folhas das árvores em um dia frio no parque. Olhar para onde o olho dele foi e a filmadora quis seguir.

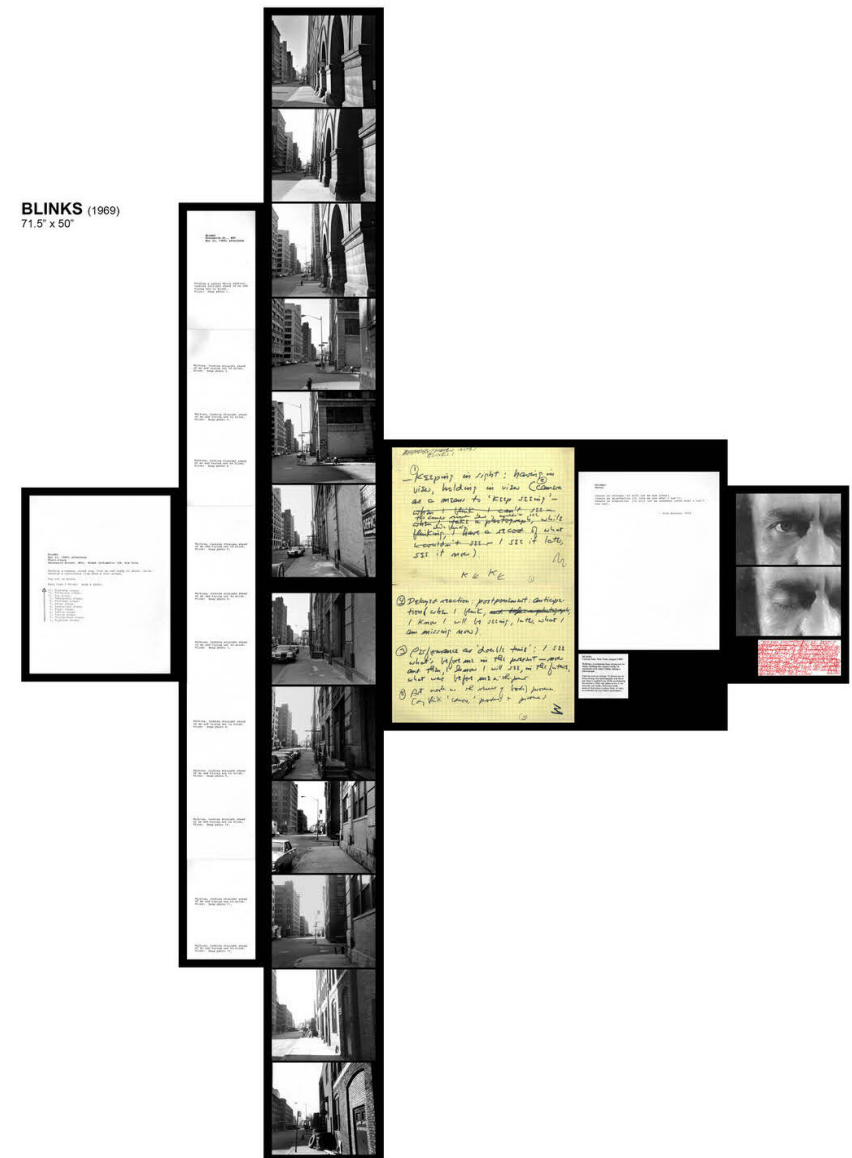
...

Na obra chamada de “Piscadas”, de 1969, o artista estadunidense Vito Acconci propõe a ação performática que consiste

em caminhar com uma câmera fotográfica por uma rua realizando o exercício de tentar não piscar. Nos momentos em que o artista não conseguir não piscar, deve tirar uma foto no mesmo instante.

Nessa ação, Acconci realiza o oposto do título que trazemos aqui: compartilha com o espectador o que não vê, mas compartilhando trechos dessa caminhada, abrindo caminho para que nossa imaginação complete esse roteiro.

Figura 59: Registro da performance “Piscadas” com anotações a respeito do trajeto realizado e a quantidade de piscadas na ação



Fonte: Vito Acconci, 1969

3.5.1 *compartilhar o olhar*

Veja Só - **TIBÉRIO AZUL, NILSINHO AMARANTE** 

Ônibus Lotado - **LUIZA LIAN** 

Meu Mundo E Nada Mais - **GUILHERME ARANTES** 

Meu Lugar - **ARLINDO CRUZ** 

Canción De Tomar El Té - **MARÍA ELENA WALSH** 

New Song - **ALICE PHOEBE LOU** 

Porque É Proibido Pisar Na Grama - **JORGE BEN JOR** 

Já Deu Pra Sentir - Tutu - **CÁSSIA ELLER** 

Control - **JANET JACKSON** 

Não É Fácil - **MARISA MONTE** 

Mad - **SOLANGE, LIL WAYNE** 

Volver A Los 17 - **MILTON NASCIMENTO, MERCEDES SOSA** 

ARRUME-SE COMIGO - **TASHA & TRACIE** 

Why Am I Alive Now? - **ANOJNI, ANTONY AND THE JOHNSONS** 

Saudades Mil - **509-E, DEXTER, AFRO-X** 

Cotidiano - **CHICO BUARQUE** 



3.6 VER EM ALGO QUE JÁ FOI OUTRO



Entre 1913 e 1966, o artista francês Marcel Duchamp desenvolveu uma série de trabalhos tridimensionais que nomeou de “Ready Mades”. Esses trabalhos existem independentemente, mas têm em comum o processo de elaboração, que consistiu em escolher objetos cotidianos e retirá-los de seus contextos utilitários.

Figura 60: Secador de garrafas



Fonte: Marcel Duchamp, 1914

Na obra “Secador de garrafas”, um ready made de 1914, o artista retira o objeto do seu contexto e função (secar garrafas) e transporta para o espaço artístico, adquirindo o caráter de obra. Ao realizar essa movimentação, Duchamp levanta questões como “quem é o artista?” e “onde está a mão do artista?”, ao mesmo tempo que não procura receber as respostas, o que dialoga muito com as influências dadaístas.

...

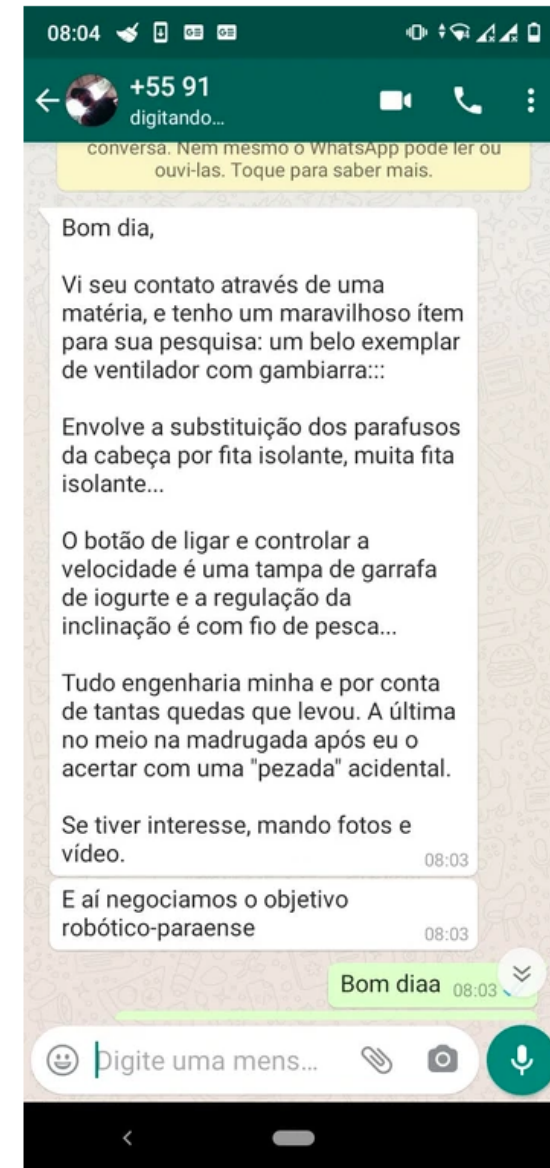
Na sua pesquisa “Ventos do Norte”, o artista paraense Maurício Igor, foi às ruas de Belém, uma das capitais mais quentes do Brasil, em busca de ventiladores-gambiarras que foram consertados de formas inusitadas, com o clássico “jeitinho brasileiro”. Nos anúncios que espalhou pela cidade, Maurício informa o interesse em comprar esses objetos e suas histórias, como no relato a seguir:

Figura 61: Cartaz do projeto “Ventos do Norte”



Fonte: Maurício Igor, 2021.

Figura 62: Registro disponível no site da pesquisa.



Fonte: Maurício Igor, 2021.

Enquanto as pessoas que ofereciam seus ventiladores-gambiarras para a compra muitas vezes vinham de um lugar de conserto via necessidade, Maurício viu nesses objetos histórias que se contam quase que sozinhas. Histórias do calor paraense, do que nos move e do que nos refresca.

Figura 63: Ventilador da série “Ventos do Norte”



Fonte: Maurício Igor, 2021.

Figuras 64 e 65: Ventiladores da série “Ventos do Norte”



Fonte: Maurício Igor, 2021.

Figura 66: Ventilador da série “Ventos do Norte”



Fonte: Maurício Igor, 2021.

...

A pesquisa de Sonia Gomes se dá a partir das interações de tecidos e tramas, sugerindo diferentes formas de se relacionar com cada um. Além das diversas histórias que podem se desenhar a partir dessas relações, Gomes, ao escolher como matéria-prima retalhos de tecidos antigos, adiciona mais a camada das memórias que cada trapo carrega consigo, inclusive contando muito da sua familiaridade com o material.

Figura 67: Nº2, da série “Torções Circulares”



Fonte: Sonia Gomes, 2016.

Entre 2017 e 2022, o MASP, em parceria com a Renner, possibilitaram o projeto “Arte na moda: MASP Renner”, em que, durante 3 temporadas, estabeleceram duplas entre artistas visuais e designers da área da moda. Cada dupla foi convidada a elaborar looks que seriam doados ao acervo do museu.

No conjunto de duplas selecionadas, foi estabelecida a colaboração de Sonia Gomes com o pernambucano Gustavo Silvestre, que utiliza a técnica do crochê como principal ferramenta na criação de roupas e também pensando a relação de moda e educação. Nos trabalhos elaborados em conjunto,

conseguimos ver uma conversa entre as referências familiares de cada uma das artistas, Gustavo, que aprende a crocheter com as mulheres de sua família, e Sonia, que entra no universo dos tecidos com a avó costureira e aprende tecelagem com o pai.

Figura 68: Vestido 3



Fonte: Sonia Gomes e Gustavo Silvestre, 2020.

No vídeo-relato que os artistas produziram sobre os processos criativos, Gustavo conta que, por conta do distanciamen-

to social acarretado pela pandemia de Covid-19, Sonia envia para a casa dele “restos” de obras, trapos que não chegaram a ser obra. O designer, ao receber esse material, externaliza o quanto que eles já estavam prontos para ser roupa, que apenas precisava unir pedaços e adicionar uma funcionalidade para a vestimenta. Dessa forma, Sonia tinha retalhos que facilmente seriam descartados, mas ela vê uma possibilidade outra para eles; após a confecção, é Gustavo que vê uma nova possibilidade para os retalhos que seriam descartados por ela.

...

Em sua tese de mestrado, Anna Maria de Azevedo pesquisou os conceitos de apropriação/ressignificação, traçando um paralelo com as found-footage (técnica de cinema em que se realiza a montagem do filme a partir de imagens já existentes) e com o conceito de ruína utilizado por Walter Benjamin.

Pensar o trabalho de found-footage como lidar com imagens-ruínas é entender que:

A memória também é uma ruína, na medida em que é fragmento de uma vida. Nesse sentido, ruína é a imagem que resiste e subverte a lógica de que, deslocada de sua origem, desapareceria por completo (pg. 48, 2014).

Assim, na sua tese relata a sua experiência própria com fou-

nd-footage mas também de produções que marcaram suas presenças na história do cinema.

Como toda estrutura corroída, a ruína se forma quando o criador a abandona, abrindo caminho para a natureza se apoderar dela. Não desaparece totalmente, continua sua trajetória integrada ao ambiente que a recebe, transforma e ressignifica. Musgos e matos avançam sobre construções esquecidas, que ganham novas formas e cores, algumas até nova função: a de sítios arqueológicos. Da mesma forma que o tempo passa, desequilibra quimicamente as imagens, e muitas são reaproveitadas pelo cinema experimental (pg. 48, 2014).

...

No contexto da 9ª Bienal de Arte de Paris e a partir da proposta de revitalização do centro histórico da capital da França para a construção do Centro Pompidou, o artista estadunidense Gordon Matta-Clark realiza em 1976 uma obra site-specific denominada “Interseção cônica”.

Na obra, Matta-Clark aproveita este espaço-ruína, que estava prestes a ser demolido e substituído por construções modernas, e o modifica estruturalmente, ao propor um corte em formato de cone que atravessa o antigo prédio. Ao destruir partes da edificação realizando este desenho, o artista cria uma espécie de escultura de um material intocável, o ar.

Figura 68: Conical Intersect



Fonte: Gordon Matta-Clark, 1975

A obra existe hoje em forma de registros fotográficos e vídeos, tendo em vista que durou o tempo que levou para ser produzida antes de demolirem o espaço que recebeu a intervenção.

3.6.1 *ver em algo que já foi outro*

Mo-Money Mo Problems - **THE NOTORIOUS B.I.G.**, 
MASE, PUFF DADDY

Big Poppa - **THE NOTORIOUS B.I.G.** 

Você Está Com Febre? - **FEBRE90s, PUMAPJL, SONOTWS** 

It Was A Good Day - **ICE CUBE** 

MARIA MARIAH VOCÊ NÃO SAI DA MINHA CABEÇA - 
MC MENO DANI, SILVA MC, JC NO BEAT, DJ F7

Hung Up - **MADONNA** 

Só Love - **CLAUDINHO & BUCHECHA** 

Homem na Estrada - **RACIONAIS MC's** 

Luz do luar - **MC FIOTI, MC JU BRONX, MC VAGNINHO** 

Liga Pros Tralha - **DJ YAS, MC LCKAIQUE, DEXHENRY** 

MEGA Beijar de Língua - **LEOZINN NO BEAT** 

Either on or off the drugs - **JPEGMAFIA** 

BREAK MY SOUL - **BEYONCÉ** 

Breaking Bad Remix (Seasons 3-5) - **PLACEBOING** 

Can't Hug Every Cat - Songify This - **SCHMOYOHO** 

SENTA NO BUGALU VS DOU UMA CAVALGADA - **MC NERAK, DJ JUBÃO** 

Gimme Gimme / Baile do Cinga - **SYON TRIO** 

MEGA DA CAVALGADA VS YOU WANT - **DJ ZL** 

Positivity - **BLACK EYED PEAS** 

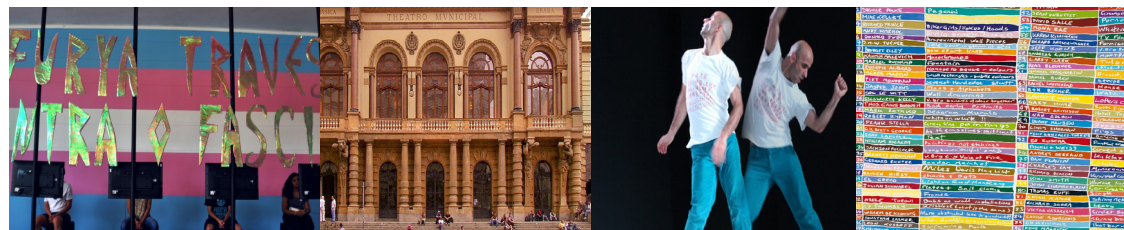
Love, Love - **MELODY, NALDO BENNY, MATHEUS ALVES** 

Passinho Debochado - **DAN VENTURA** 

Ice Ice Baby - **VANILLA ICE** 

IMPORTANTE
pra
mim
E QUERO QUE
O MUNDO
TODA VEZ

3.7 IMPORTANTE PRA MIM E QUERO QUE O MUNDO TODO VEJA



Desde 1955, a revista norte-americana Billboard divulga semanalmente uma lista dos 100 artistas mais ouvidos no mundo, iniciando a pesquisa com dados de venda de discos até os dias de hoje, realizando a pesquisa a partir de streams em plataformas digitais. Essas listas são nomeadas como “The Hot 100”, pensando a tradução de “hot” não como quentes, mas sim no sentido de “popular”. Esses dados são utilizados para medir a popularidade dos artistas, assim influenciando diretamente na produção da indústria musical estadunidense e, devido a sua grande influência, do modo de ouvir música no mundo todo.

Em 1997, o pintor escocês Peter Davies, claramente influenciado pelo formato dessa tabela musical, realiza o trabalho nomeado de “The Hot One Hundred”, no qual pinta em tinta acrílica sobre uma tela de aproximadamente 2 metros quadrados, uma lista de 100 artistas e suas melhores obras. Essa seleção é responsabilizada pelo artista, não pretendendo ser

um fato baseado em dados, como na tabela da Billboard.

Figura 69: The Hot one Hundred

THE HOT ONE HUNDRED					
1	BRUCE NAUMAN	Almost all of it (90-95%)	51	TITIAN	Man featuring monster/dragon
2	SIGMAR POLKE	Paganini	52	JEAN DUBUFFET	Granger ones
3	MIKE KELLEY	More Love than than can ever...	53	DAVID SALLE	Porno ones
4	RICHARD PRINCE	Biker/Girls/Sokes/Hoods	54	DONA RAE	Whatever she's just done
5	ANDY WARHOL	Brillo boxes/Plastic	55	KAREN KILLMICK	TV Film Bad portraits
6	DONALD JUDD	Respect/Metal Wall Pieces	56	RICHARD NETSCHWAGER	Formica Furniture
7	D.M.W. TURNER	Time Boat in form of sea	57	JEFF KOONS	V.Bro Sculpture, New paintings
8	BRIGET RILEY	B+W Op art lines	58	ANDREAS GURSKY	MONT PARNAKSS
9	KASIMIR MALEVICH	Monochromes	59	LARRY CLARK	Tulsa
10	MARCEL DUCHAMP	Fountain	60	ROSS BLOKNER	Concentric circle white dots on black
11	JOSEPH ALBERS	Homage to square - colours	61	MICHAEL CRAIG-MARTIN	Biased, brightest wall drawing
12	AGNES MARTIN	Small rectangles - subtle colours	62	DANIEL BUREN	Stripe car structures
13	PIET MONDRIAN	Severest Hand-edge stuff	63	RACHEL WHITEREAD	House
14	JASPER JOHNS	Flags + Alphabets	64	B+N BECHER	Water Towers
15	SOL LE WITT	Wall drawings	65	LAWRENCE WERNER	Letters carved into wall
16	ELSWORTH KELLY	V.Bro squares of colour together	66	GARY HUME	Both figurative & doors
17	THOS. GAINS BOURGH	Bad early Portraits	67	ROBERT SMITHSON	Hotel Tape / slide
18	MARK ROTHKO	Seagreen Murals	68	NAN GOLDIN	Transvestite photos
19	ROBERT RYMAN	White on white !!	69	DAVID HANSEN	Jeager + towers
20	FRANK STELLA	Grey line pain in the	70	LINDY SHERRMAN	Pigs don't
21	GILBERT + GEORGE	As themselves - shit paint	71	FELIX GONZALEZ-TORRES	Dancing queen + light bulbs
22	SEAN LANDERS	Text	72	ED RUSCHA	Funkier wall paintings
23	WILLIAM HOGARTH	Paintings not etchings	73	ROSELI + WEISS	Curved studio junk
24	JACKSON POLLOCK	Long brown 'stiff' ones	74	ANDRES SERRANO	Kinkler Klan pics
25	BARNETT NEWMAN	V.Bro C-3 Voice of Fire	75	DAN FLAVIN	Circular Striptight arrangement
26	GERHARD RICHTER	Seader Meinhof	76	CHARLES RAY	Mimequists + Firetrucks
27	FRANCIS BACCHUS	Miles Davis Play List	77	RICHARD DEACON	Varioued cardboard with triangles
28	DAMIEN HIRST	Shark + Dots	78	KIKI SMITH	Wayone from Somewest Mad...
29	EL GRECO	Light on face of Monkey	79	JOHN CHAMBERLAIN	Car Crash Sculptures
30	ULIAN SCHWABEL	Plates + Sail cloths	80	THOMAS RUFF	Singh Portraits Head studies
31	HOWARD HODGKIN	Frames	81	AMISH KAPOOR	Shiny Metal + Discs / Mountains
32	NIELE TORONI	Dabs on wall installations	82	RICHARD SERRA	heavy Metal
33	CY TROMBLY	scribbles (lot of it the same)	83	VICTOR VASARELY	Cirlet Square coloured op
34	WILLEM DE KOONING	More abstract less figural stuff	84	LOUISE BOURGEOIS	Shiny bronze phallic stuff
35	JOATHAN LASKER	When doodle's given a plan	85	ED KERN HOLT	That bar you could walk into
36	LEON KOSOFF	Swimming Pools	86	RENE MAGRITTE	Not a Pipe
37	CHRISTOPHER WOOD	Text with sweeter - frogs	87	RICHARD PATTERSON	Thomson skulpture + photo exercises
38	JOHN BALDASSARI	Hand Painting + Instructions	88	NAM JUNG PAIK	TV Pyramid with J. Beuys
39	GEORG BASELITZ	Upards down - white + yellow chalk	89	ALLAN MICHELSON	Plaster Surrogates
40	PHILIP TAFFET	More B+W / of colour / of portraits	90	ALEX KATZ	V.Bro women's heads
41	JOSEPH BUEYS	Talking to Hare / Rabbit?	91	PAUL MCKARTHY	Bosse Burger
42	BRUCE MARDEN	Earlier Hand Edge strips of fish	92	MARTIN KIPPENBERGER	As a whole
43	PETER HALLEY	More the conduits than cells	93	EVA HESSE	Translucent Wall hang / lean thin
44	CLAES OLDENBURG	Soft Sculpture + bedroom	94	FRANCIS PICABIA	Realist nude women
45	JEFF WALL	Street scene + Movie (road)	95	STEPHAN SCHMIDT	Tall Figures with carved / pink
46	ROY LICHTENSTEIN	Brush strokes	96	JESSICA STOUGHOLDB	When Wall is ripped out
47	MORRIS LOUIS	Corner drips	97	MILTON AVER	Coastal scenes
48	JULIAN OPYE	Sculpture + wall drawing together	98	SARAH LUCAS	Sed Men CITS eggs, Hebe et al
49	JOHN MCKACKEN	Plans	99	IAN DAVEN PATT	Five line bright colour ones
50	CHUCK CLOSE	Recent B+W portraits (Not realistic)	100	IAN HITCHENS	Bigger better brush marks (brushing)

Fonte: Peter Davies, 1997.

Ao mencionar os artistas, Davies pontua exatamente o que admira no trabalho de cada um, por exemplo, em primeiro lugar da lista, coloca o estadunidense Bruce Nauman, e na coluna que especifica quais obras, insere a frase “Quase tudo (90-95%)”. Já ao citar Rachel Whiteread, em 63, pontua um trabalho específico, “House”.

...

Em 2011, após ter contato com a série de pinturas escritas de Peter Davies, Christian Duarte, artista paulista da dança, elabora uma apresentação nomeada de “The Hot One Hundred Choreographers” (Os Cem Coreógrafos Mais Quentes). Nessa coreografia, Christian reúne diversos movimentos emprestados de trechos de danças diversas, colocando em jogo suas referências enquanto bailarino e coreógrafo.

Figura 70: The Hot One Hundred Choreographers



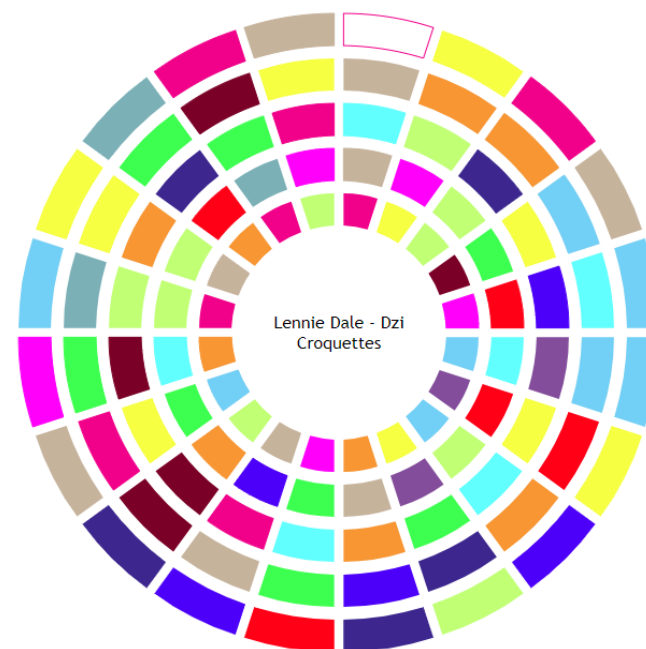
Fonte: Christian Duarte, 2011.

Em uma entrevista sobre a obra, Christian Duarte conta:

Esta peça não é uma representação de trechos coreográficos de outros artistas. Trata-se de um recorte das tendências artísticas que me acompanham. Minha tentativa é a de desvelar como o corpo em movimento negocia com seu próprio repertório e memória [...](pg. 1, 2014).²²

Além da apresentação, o artista organiza sua pesquisa em forma de site também, onde conta um pouco do processo de criação do espetáculo e credita todos as referências citadas de forma visual, unidas pela frase, também emprestada, “I had the time of my life and I owe it all to you”, traduzida livremente para “Eu tive os melhores momentos da minha vida, e eu devo tudo a vocês”.

Figuras 71 e 72: Site com “The Hot One Hundred Choreographers”



Fonte: Christian Duarte - 2011

...

Situado no centro de São Paulo e inaugurado em 1911, o Teatro Municipal de São Paulo é um patrimônio histórico tombado, projetado por Domiziano Rossi e Cláudio Rossi e executado por Ramos de Azevedo. Este prédio, marco da cidade, exemplifica um pouco do que é a Arquitetura Eclética no Brasil.

Com os avanços que as revoluções industriais trouxeram

²² Entrevista citada na crítica feita por Helena Katz, em 2014.

para a arquitetura, como o uso de metal e vidro, foram possibilitadas novas experimentações nos projetos, fazendo surgir o estilo denominado “Arquitetura Eclética”, que misturava diferentes estilos arquitetônicos e também a execução de formas mais modernas.

Figura 73: Fotografia do Teatro Municipal de São Paulo



Fonte: Angela Rezé, 2014.

No caso do Teatro, é definido seu estilo pela linguagem eclética com influência da arquitetura neoclássica, reunindo uma série de detalhes que referenciam diferentes estilos. Como escreveu Ricardo Severo: “[...] o compositor imprime a sua obra um caráter pessoal, expandindo a sua imaginação

para fora dos rigorosos compêndios vitruvianos. [...]”(p.44, 1911)²³, fora dos requisitos que cada estilo arquitetônico exige. Aqui, os arquitetos estabelecem uma espécie de colagem com os diferentes materiais e adornos.

...

Realizada por Vulcanica Pokaropa no 36º Panorama da Arte Brasileira, que aconteceu no MAM em 2021, a instalação “Furya Travesti Contra o Facismo” reunia uma grande faixa com a frase que nomeia o trabalho, algumas faixas, esculturas e televisores.

Figura 74: Furya Travesti



Vulcanica Pokaropa, 2019.

²³ Texto de Ricardo Severo, cunhado de Ramos de Azevedo, publicado no primeiro volume da Revista de Engenharia, em 1911, citado por Soraya Katchvartanian em sua dissertação de mestrado.

Nos televisores, podíamos encontrar vídeos da série “Desa-quenda”, elaborada por Vulcanica e compartilhada pela plataforma Youtube. Os vídeos consistem em entrevistas com artistas trans de diversas áreas como iniciativa de mapear essas artistas que muitas vezes são invisibilizadas.

Organizar e disponibilizar esse arquivo de referências é uma forma de Vulcanica escolher seus pedacinhos no mundo na medida em que grita para que o mundo todo conheça também.

3.7.1 *importante pra mim e quero que o mundo todo veja*

Debaixo do Pano - **ANA FRANGO ELÉTRICO** 

Quero Esquecer Você - **LOS SEBOZOS POSTIZOS** 

Hello - **ZÉ IBARRA** 

Me Usa - **PABLO VITTAR** 

PELO AMOR DE DEIZE - **JUP DO BAIRRO, DEIZE TIGRONA** 

Electric Fish - **ANA FRANGO ELÉTRICO** 

Do Yourself A Favor - **KEIYAA** 

Súplica Cearense - **ANNÁ** 

Pense em Mim - **JOHNNY HOOKER** 

Dia Branco - **AMELINHA** 

Arrombou A Festa - **RITA LEE** 

Brazilian Rhyme - **EARTH, WIND & FIRE** 

Mar de Rosas - **THE FEVERS** 

Estúpido Cupido - **CELLY CAMPELLO** 

Coisinha Estúpida - **LENO E LILIAN** 

Diana - **CARLOS GONZAGA** 

Sua Estupidez - **CÁSSIA ELLER** 

Dos gardenias - **MARIA RITA** 

Fools Rush In (Where Angels Fear to Tread) - **BOW WOW WOW** 

Escrito Nas Estrelas - **LAUANA PRADO** 

Staying Alive - **DANNI CARLOS** 

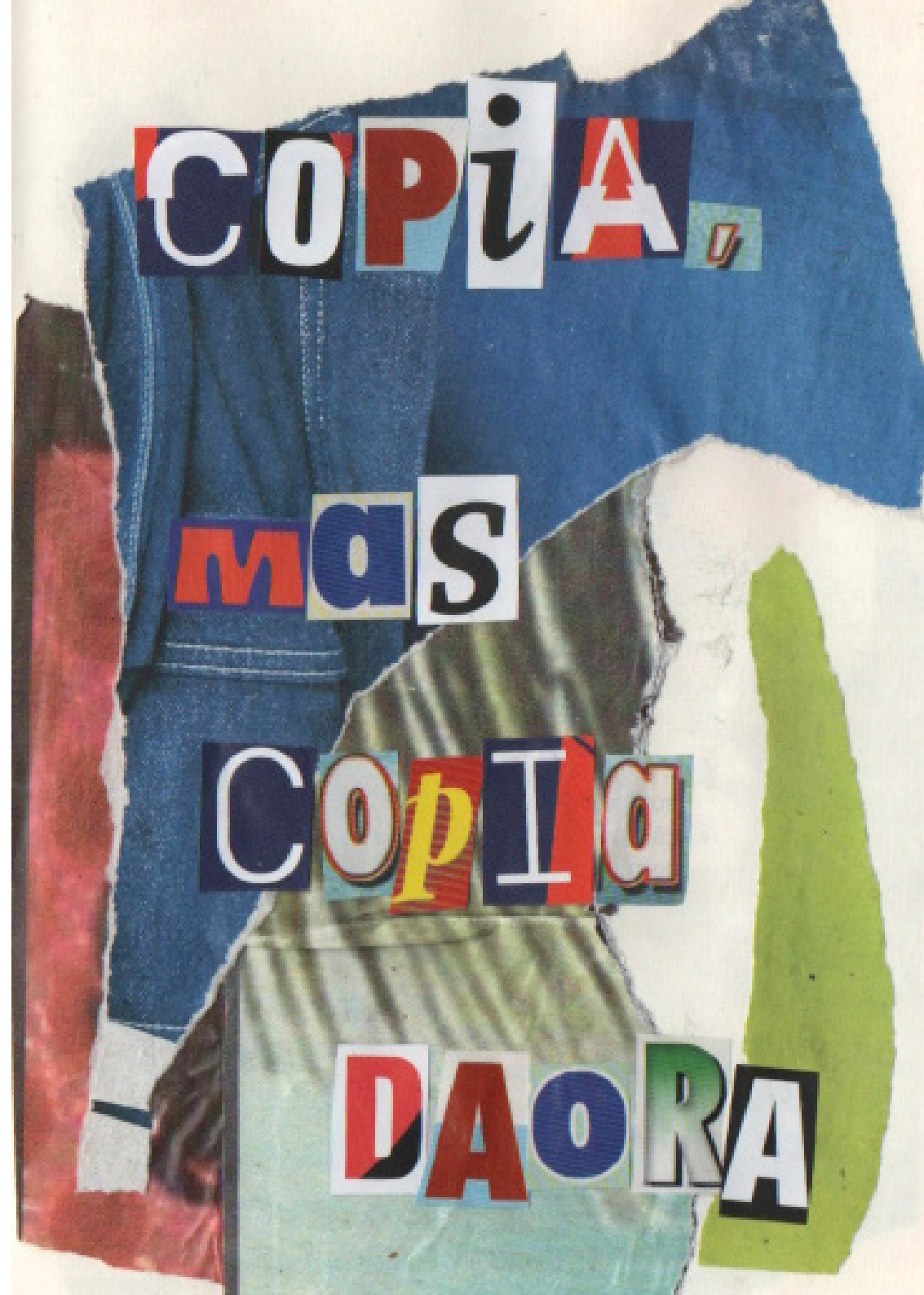
Amor por Telepatia - Paredão Remix - **CAMI SANTIZ** 

São Amores - **PABLO VITTAR** 

Con Altura - **GINEBRAS** 

Nothing Else Matters - **MILEY CYRUS,** 
ELTON JOHN, YO-YO, ROBERT TRUJILLO, CHAD SMITH

I Put a Spell on You - **IZA** 



3.8 COPIA, MAS COPIA DAORA



O título deste subcapítulo faz menção a uma entrevista ao DJ Mu540, que, quando recebe a questão “O que você fala pra quem quer ser um dj profissional igual você?”, responde: “Vai estudar!! Bastante. E vai ser original”. Nesse momento, o entrevistador diz “Sem copiar os outros!”. Com essa afirmação, Mu540 rebate: “É, copia, mas copia daora”.

O trabalho dos djs, como o trabalho de Mu540, consiste em se apropriar de músicas já existentes e colocá-las em relação com outras músicas ou sons diversos. Assim, ser DJ é copiar e é também fazer colagem. Aqui, reúno artistas que “copiarão” de outros, estabelecendo a colagem entre o trabalho “copiado” e a sua própria produção.

...

Em 1964, Andy Warhol desenvolveu um trabalho que consistia na exposição de caixas empilhadas de madeira serigrafada

das com tinta com o design da marca Brillo, uma conhecida marca de esponjas de aço estadunidense. As caixas eram reproduções exatas das embalagens da Brillo, e a obra recebe o nome de “Brillo Boxes”.

Figura 74: Brillo Boxes



Fonte: Andy Warhol, 1964.

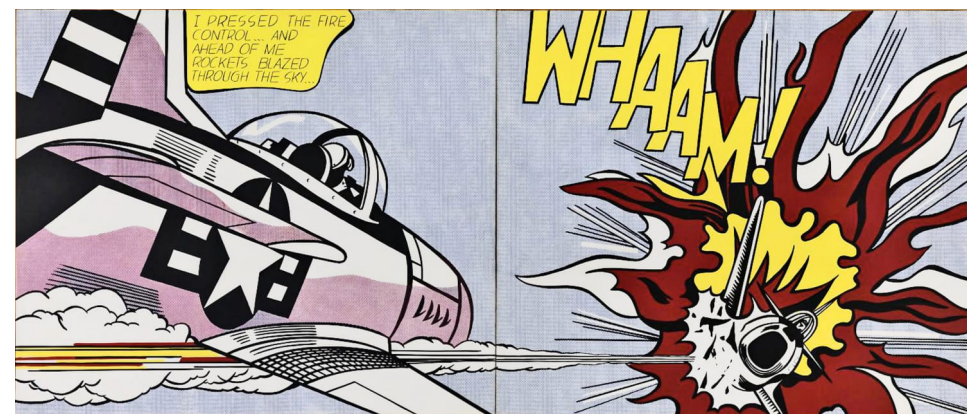
Ao produzir manualmente um produto de fábrica, altamente reproduzível por máquinas para re-estocarem mercados, e expor em uma galeria enquanto “obra de arte”, Warhol, baseado nas pesquisas da Pop Art norte americana a respeito

da industrialização, cultura popular e reprodução em massa, ressignifica o lugar e os significados que uma obra produz.

...

Ainda sobre a pesquisa desenvolvida no movimento da Pop Art, Roy Lichtenstein foi um pintor que realizou diversas obras a partir da estética das histórias em quadrinho, muito populares na época também. Lichtenstein se apropriava das características visuais, mas por vezes alterava balões de fala, cores, entre outras coisas que na visão dele deixavam a obra mais interessante.

Figura 75: Whaam!



Fonte: Roy Lichtenstein, 1963.

Além disso, ao transferir uma imagem impressa em retícula – técnica que funciona muito para formar cor em superfícies pequenas – para uma tela que praticamente preenche a parede do espaço, o artista modifica completamente o sistema de produção da imagem apropriada.

...

Abaixo temos uma obra da série “Bichos” de Lygia Clark, desenvolvida em 1960 e em seguida, a obra “Bixinha” de Lyz Parayzo, desenvolvida em 2018.

Figura 76: Escultura da série “Bichos”



Fonte: Lygia Clark, 1960

Figura 77: Bixinha



Fonte: Lyz Parayzo, 2018.

A relação de apropriação entre as duas obras é clara, seja pelo material, forma ou pelos títulos. Enquanto Clark produz os bichos com articulações proporcionadas por dobradiças que convidam o público a ativar a obra movimentando as suas partes, Parayzo adiciona à forma rigidez e pontas afiadas, que afastam o espectador. Enquanto os Bichos se relacio-

nam com a percepção sensorial e as relações homem-bicho, a Bixinha ao mesmo tempo que atrai, repele, estabelecendo uma relação com o uso pejorativo de se referir a pessoas dissidentes afeminadas.

...

Voltando à conversa sobre o papel dos DJs, é importante falar sobre o conceito de sample. Sample, traduzido em português para “amostra”, é uma prática que se desenvolve a partir dos desenvolvimentos tecnológicos digitais e da democratização do acesso a computadores, principalmente entre os anos 80 e 90, que consiste em criar uma canção a partir de um trecho de outra música. No entanto, diferentemente de casos de versões, paródias, plágios, no caso do sample, o trecho que inspira a criação é colocado diretamente na música, o que funciona como uma forma de homenagear o artista que é uma referência para quem se apropriou do sample.

Figura 78: Capa do álbum Raio X do Brasil



Fonte: Racionais MCs, 1993

Figura 79: Capa do álbum Tim Maia e Convidados



Fonte: Tim Maia, 1977.

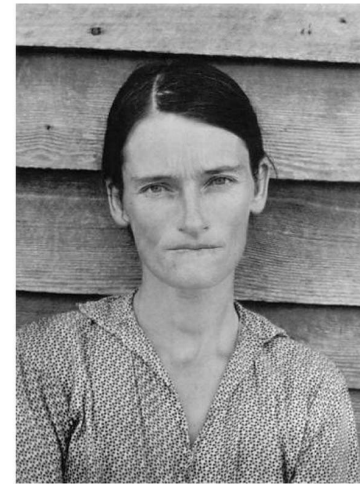
Nesse assunto, temos diversos exemplos possíveis, entre eles, o primeiro álbum de estúdio dos Racionais MCs, “Raio X do Brasil”, lançado em 1993. Neste álbum, encontramos alguns samples, entre eles, na faixa “Homem na estrada”, con-

seguimos ver claramente a apropriação da melodia de “Ela Partiu”, de Tim Maia, durante toda a música, e também os vocais em alguns momentos.

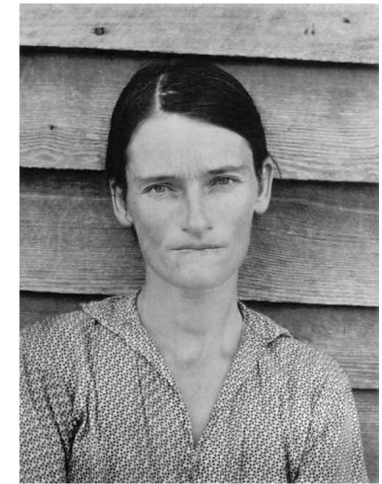
...

Walker Evans foi um fotógrafo norteamericano que registrou, por meio de fotografias analógicas, locais e famílias que foram impactadas pela Grande Depressão estadunidense. Essas fotografias têm um peso documental, de mostrar para o povo americano o efeito que havia causado mas também de reconhecer as histórias e dignidade dessas pessoas, entendendo essa fotografia como uma imagem congelada de um passado superado.

Figura 80: Fotografias de Walker Evans (esquerda) e Sherrie Levine (direita)



Walker Evans
Alabama Tenant Farmer Wife, 1936
Gelatin silver print



Sherrie Levine
After Walker Evans 1981

Fonte: Walker Evans. 1936 e Sherrie Levine, 1981

Mais de 40 anos depois, a artista conceitual também norte-americana Sherrie Levine, desenvolveu uma série chamada “After Walker Evans”. Nesses trabalhos, Levine fotografa as fotografias de Walker Evans buscando a mínima interferência e expõe como trabalho seu. No entanto, entregando o nome do fotógrafo no título, percebemos que não é o caso de um plágio que pretende se beneficiar das escolhas fotográficas como recorte, ângulo etc. Aqui, o que Sherrie Levine faz é colocar em jogo o que se entende por autoria, na medida que se apropria dessa imagem e de toda a carga que ela carrega.

3.8.1 *copia, mas copia da ora*

Xirley - **GABY AMARANTOS** 

MUCHAKK (Mu540 b2b Mochakk) @ STB 
São Paulo 2024 - **MOCHAKK**

MTG DEPOIS DO BAILE vs GAROTA NOTA 100 
(DJ AGUILAR & DJ PL o PSICOPATA)
(MC MAGRINHO & MC KELLES) - **DJ AGUILAR**

MEIO TERMO (RAPHAELA SANTOS) - 
ENTROPIA BOOTLAG EDIT [LIVE]  - **ENTROPIA-ENTALPIA**

House, House music!!!  - **PAULETE LINDACELVA** 

SET **ARREPYA BUTICUH** - 24 MINUTINHOS 
DE PUT4RIA  - **CAIO PRINCE BR** 

Suelen Mesmo - DEEKAPZ EXPERIENCE 11/08 - **SUELEN** 

Diretoria Apresenta - Apropri4damente / 
@Foundation.FM - EP.4 - **APROPRI4DAMENTE**

☞ como é estar em meus braços? ☞ 
by clementaum - **CLEMENTAUM**

raytech - tecnomelody na nossacasa 05/01 - **DJ RAYTECH** 

eu

quando

corro

e

colo

4EUQUANDOCORTOECOLO

PRA TE CONTAR DE TUDO QUE EU VI

Assim como o Voyager Golden Record, Bispo, Caboco, o AMT, Richter, Jota e Musa, me reúno para contar tudo que eu vi quando, ao final de cada caderninho desenhado, escaneio e publico nesse site.

Figura 81: Tumblr leozinho laurinha carvalhinho



Fonte: leozinhocarvalhinho.tumblr.com, 2024

ESTABELECENDO AMIZADES ENTRE MUNDOS

Assim como Manet, Maxwell, Rauschenberg, Marclay e Baniwa, eu estabeleço amizades entre mundos quando eu pinto imagens de piqueniques que nunca existiram mas que ao mesmo tempo possivelmente existiram. Meu processo de pintura se baseia em fotografias desses elementos separados e numa colagem de memórias afetivas que esses elementos podem trazer.

Figura 82: Nique-piques



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2023.

GUARDO PRECIOSIDADES DESCARTÁVEIS E VEJO NELAS NARRATIVAS POSSÍVEIS

Assim como Jac, Bispo e Vicuña, eu guardo preciosidades descartáveis e vejo nelas narrativas possíveis quando sou uma pessoa acumuladora que vê muitos potenciais em materiais a serem descartados. Em específico, guardei, durante meus 2 anos de experiência com Educação Infantil, diversos papéis com desenhos, pinturas e rabiscos que acabaram sem nome no ateliê, o “arquivo L” (usualmente chamado assim para não falar na frente das crianças que os trabalhos iriam para o lixo, mas adotado por mim como arquivo Leo ou arquivo Laurinha). Neles eu vejo embalagens para presentes queridos, vejo colagens e eu vejo também obras prontas para irem para a parede.

Figura 83: Colagens



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2023.

VELHAS IMAGENS, NOVOS CENÁRIOS

Assim como Ventura, Randolpho, Jaider e Igi, fabulo novos cenários a partir de velhas imagens ao propor colagens com imagens descartadas criando situações que nunca existiram.

Figura 84: Colagens com foto



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2024.

COMPARTILHAR O OLHAR

Assim como Bresson, Lyle, Helena, Mekas e Acconci, compartilho meu olhar toda vez que faço um desenho de observação, escolhendo qual cantinho desse mundo tão grande eu quero retratar, pra que ponto que eu olho quando desenho.

Figura 85: Desenhos de Observação



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2022.

VER EM ALGO QUE JÁ FOI OUTRO

Assim como Duchamp, Maurício, Sonia, Gustavo e Matta-Clark, vejo novas possibilidades a partir de materiais que já existem quando me utilizo de retalhos de trabalhos com costura da minha mãe e avó para criar colagens com essas cores e estampas.

Figura 86: Colagem com tecido



Fonte: Leo Laura Carvalho, 2023.

COPIA, MAS COPIA DAORA

Assim como Mu540, Warhol, Lichtenstein, Parayzo, Racionais e Levine, copio quando, a partir de combinações de cores encontradas em imóveis e paredes da cidade, transfiro as que me chamam atenção para as minhas roupas. Essa prática inspirou as fotografias abaixo, de Mario Bergo, realizadas em 2022.

Figura 87: Projeto Casinhas



Fonte: Mario Bergo, 2022.

IMPORTANTE PARA MIM E QUERO QUE O MUNDO TODO VEJA

Assim como Davies, Christian, a arquitetura eclética e Vulcânica, grito o que é importante pra mim e quero que o mundo todo veja quando escrevo este TCC compartilhando relações que eu fiz dentro de tantas coisas que eu vi.

5 COMO FOI COLETAR E SOBRE COMO ISSO NÃO ACABA POR AQUI

Para finalizar o texto, e que difícil é finalizar o texto, escrevo algumas palavras sobre a caminhada.

Pesquisar o conceito estendido de colagem foi uma escolha que fez muito sentido para finalizar a minha trajetória na UNESP. Durante estes 7 anos de graduações, entrei em contato com diversos artistas e linguagens que somente nesse tema puderam aparecer. Coloquei aqui referências que carregue desde o primeiro ano, referências que entrei em contato compondo o Cursinho Prévia e também obras que conheci este ano.

Poder estar atente com onde eu encontro colagem no meu dia-a-dia me possibilitou uma entrega total à pesquisa e envolver as pessoas ao meu redor também. À medida que ia formulando os capítulos, fui compartilhando com as pessoas com quem divido meu cotidiano, recebendo recomendações. Assim, a todo momento o trabalho foi recebendo mais camadas que permitem chamá-lo de colagem, ao passo que cada referência trazida veio de uma pessoa ou contextos diferentes que moldam a minha forma de pensar as coisas.

Dessa forma, considero importante pontuar o caráter multi-

plicador que o trabalho adquiriu, sendo um dos seus objetivos que, ao entrar em contato com o texto e imagens, quem lê consiga relacionar com outras produções que carregam em suas bagagens. E assim, pontuo que o trabalho não acaba por aqui, sigo coletando preciosidades descartáveis e fabulando com elas novos cenários para correr.

6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Amanda Ruth. **Lina Bo Bardi e a atualidade do Cavalete de Cristal**. Tese (Mestrado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- ALEXANDRE, Maxwell. **Maxwell Alexandre: pardo é papel**. Instituto Inclusartiz (produção cultural). Porto Alegre: Fundação Iberê, 2020.
- ALVES, Marco Antônio. A autoria em questão a partir de Foucault: autor, discurso, sujeito e poder. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 22, n.37, jul/dez. 2015. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/19932/14530>>. Acesso em: 10 out. 2024.
- AMORIM, Joe Nicolai; LOPONTE, Luciana Gruppelli. As mãos de ouro de Sonia Gomes: costura e memória. **ArteVersa**, UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/as-maos-de-ouro-de-sonia-gomes-costura-e-memoria/>>. Acesso em: 11 out. 2024.
- ARCHIVO DE LA MEMÓRIA TRANS. **Archivo de la Memoria Trans**. Site-portfolio. Disponível em: <<https://archivotrans.ar/index.php>>. Acesso em: 11 out. 2024.
- AYEDUN, Igi Lola. Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi. **Revista Zum**, IMS, 9 de dezembro de 2023. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/bolsa-zum-ims/ha-muito-venho-sonhando-com-imagens-que-nunca-vi/>>. Acesso em: 11 out. 2024.
- AZEVEDO, Anna Maria de. **A potência da imagem-ruína na poética do cinema**. Tese (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.
- BANIWA, Denilson. **A Gentil Carioca**. Página do artista Denilson Baniwa. Disponível em: <<https://www.agentilcarioca.com.br/artists/111-denilson-baniwa/>>. Acesso em: 11 out. 2024.
- BIENAL DE SÃO PAULO (Organização); VISCONTI, Jacopo (Curadoria). **Primeiros ensaios : publicação educativa da 34ª Bienal de São Paulo**. São Paulo : Bienal de São Paulo, 2020
- BLANCA, Rosa Maria. Arte a partir do queer/Arte desde lo queer - 1. ed - Santa Maria, RS: Ed. **PPGART**, 2022. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2023/07/RosaBlanca-Arte-Queer-2022.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2024.
- BRETT, Guy. **A Bill of Wrongs**. Tradução: Nelson Ascher. São Paulo: Galeria Millan, 1989.
- BUENO, Danilo. A autoria em questão a partir de Foucault: autor, discurso, sujeito e poder. **Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, São Paulo, dez. 2017. Disponível em <<https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/download/205/251/844>>. Acesso em: 10 out. 2024.

CABOCO, Gustavo. BENDEGÓ, Pedra do. **Recado do Bendegó**. São Paulo: Picada Impressões Indígenas, 2021.

CABOCO, Gustavo. **Gustavo Caboco**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://caboco.tv/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

CABOCO, Gustavo. **Prêmio Pipa**. Página do artista Gustavo Caboco. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/gustavo-caboco/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

CALICCHIO, Renata. Vinte anos de luta antimanicomial no Brasil – arte e comunicação como estratégia de participação e transformação social no contexto da reforma psiquiátrica. **ECO-PÓS**, v.10, n.1, janeiro-julho 2007, Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1038/978> Acesso em: 11 out. 2024.

CALVO, Irene. Mujeres que cortan y pegan. **Ah! Magazine**, Madrid, 17 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://www.ahmagazine.es/mujeres-que-cortan-y-pegan/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

CARTIER-BRESSON, Henri. O Instante Decisivo. In. **O imaginário segundo a natureza**. Tradução: Renato Aguiar. Editora Gustavo Gili, 2015

CARVALHO, Laura . **Um outro pra chamar de eu: fantasiando pedagogias cuir para a reinvenção**. TCC (Graduação em Licenciatura em Artes Visuais) – UNESP. São Paulo, 2023.

CASTRO, Hernán. **“No binaries que cortan y pegan” La frase que se repite en múltiples muros de Valparaíso**, 1 dez. 2023, Disponível em <https://www.flickr.com/photos/miradas_compartidas/53368555358/in/photostream/>. Acesso em: 10 out. 2024.

CASTRO, Rosana. Iconismo nas pinturas da Série “Pardo é Papel” de Maxwell Alexandre. **Designis**, Universidad Nacional de Rosario (Argentina), n 3, jan-jun 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.35659/designis.i38p59-70>> Acesso em: 11 out. 2024.

CECILIA VICUÑA: Lo Precario. **Wex Arts**, 2018-2019. Divulgação da exposição. Disponível em: <<https://wexarts.org/exhibitions/cecilia-vicuna-lo-precario-precarios>>. Acesso em: 11 out. 2024.

CLAUS, Marta. Arthur Bispo do Rosário: A criação artística como reorganização de mundo. **“Existência e Arte”**, São João Del-Rei, n II, jan-dez, 2006. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Arquivos/Marta_Claus_Arthur_Bispo_do_Rosario_A_criacao_artistica_como_reorganiza.pdf> Acesso em: 11 out. 2024.

COSTELLO, Lindsay. Cecilia Vicuña: About to Happen. **Art Papers**, 2019-2020. Disponível em: <<https://www.artpapers.org/cecilia-vicuna-about-to-happen/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

CURSINHO PRÉVIA. **Aula-texto Apropriação** – UNESP. São Paulo, 2021.

CURSINHO PRÉVIA. **Aula-texto Apropriação** – UNESP. São Paulo, 2021.

CURSINHO PRÉVIA. **Aula-texto Centro e periferia** – UNESP. São Paulo, 2021.

CURSINHO PRÉVIA. **Aula-texto Conceito** – UNESP. São Paulo, 2021.

CURSINHO PRÉVIA. **Aula-texto Novas Mídias** – UNESP. São Paulo, 2021.

DAMISCH, Hubert. Uma mulher, portanto: Le déjeuner sur l’herbe. Tradução: Luiz Carlos Oliveira. **ARS-USP** São Paulo, n 32, jan 2017-mar 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/144714/139335>> Acesso em: 11 out. 2024.

DANTO, Arthur C. **Andy Warhol**. São Paulo: Cosac Naify, 2012

DAVIES, Peter. **Saatchi Gallery**. Página do artista Peter Davies. Disponível em: <https://www.saatchigallery.com/artist/peter_davies>. Acesso em: 11 out. 2024.

DAVIES, Peter. **The Fun One Hundred**. Henrik Riis, nov 2021. Disponível em: <<https://z0na.hotglue.me/?HOT100>>. Acesso em: 11 out. 2024.

DUARTE, Christian. **Panorama 30 Anos | THE HOT ONE HUNDRED CHOREOGRAPHERS | CRISTIAN DUARTE (SP)**, 2023. 1 vídeo (3:16 min). Publicado por Revista ZUM. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DQ7zFR1YfHc>>. Acesso em: 11 out. 2024.

DUARTE, Christian. **THE HOT ONE HUNDRED CHOREOGRAPHERS**. Matéria sobre o espetáculo. Disponível em: <<https://z0na.hotglue.me/?HOT100>>. Acesso em: 11 out. 2024.

DUARTE, Christian. **The Hot One Hundred Choreographers**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://hot100.cristianduarte.net/sobre/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

DUCHAMP, Marcel. **Marcel Duchamp**. 19ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação: 1987.

EISENSTEIN, Serguéi. Montagem de atrações. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983.

ESBELL Jaidier. **Jaidier Esbell**. Site-portfólio. Disponível em: <<http://www.jaidieresbell.com.br/site/sobre-o-artista/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

ESBELL Jaidier. **Prêmio Pipa**. Página do artista Jaidier Esbell. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/jaidier-esbell/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

FARIA, Fabiana. **Arthur Bispo do Rosário: O artista, o lugar, a obra**. TCC (Bacharelado em História) – UFU. Uberlândia, 2007.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III).

Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. In. Poétique de la Relation. Tradução: Henrique de Toledo Groke e Keila Prado Costa. **Revista Criação & Crítica**, nº 1, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4452223/mod_resource/content/1/Glissant%20-%20Pela%20opacidade%20%28in%20Po%C3%A9tica%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%29.pdf> Acesso em: 11 out. 2024.

HALBERSTAM, Jack. **A Arte Queer do Fracasso**. 1ª edição. Recife: CEPE, 2020.

HANNAH Höch. **MoMA**. Página sobre a artista Hannah Höch. Disponível em: <<https://www.moma.org/artists/2675>>. Acesso em: 10 out. 2024.

HARRIS, Lyle Ashton. **32ª Bienal de São Paulo**. Página do artista Lyle Ashton Harris. Disponível em: <<http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2575>>. Acesso em: 11 out. 2024.

HARRIS, Lyle Ashton. **Lyle Ashton Harris**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://www.lyleashtonharris.com/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

HICKSON, Patricia. ZUCKER, Dr. Steven. WADSWORTH ATHENEUM MUSEUM OF ART. “Homage to JFK: Rauschenberg’s Retroactive I,” **Smarthistory**, 2018. Disponível em: <<https://smarthistory.org/rauschenberg-retroactive/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

IGOR, Maurício. **Ventos do Norte**. Site da pesquisa Ventos do Norte. Disponível em: <<https://www.mauricioigor.com/ventosdonorte>>. Acesso em: 11 out. 2024.

JÚNIOR, Derivaldo Andrade. **Éramos a cinza e agora somos o fogo: a estética na obra de Maxwell Alexandre**. TCC (Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais.) – USP. São Paulo, 2019.

KATCHVARTANIAN, Soraya Arida. **Teatro Municipal de São Paulo, histórico de projetos e análise estrutural**. São Paulo, 2015.

LAMONIER, Randolpho. **Randolpho Lamonier**. Site-portfólio. Disponível em: <https://randolpholamonier.com/index_PT>. Acesso em: 11 out. 2024.

LIMA, Pedro Ernesto. Jac leirner - Obsessão e Museus. *Museologia & Interdisciplinaridade*. **UNB**, v.III, n 6, mar-abril 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16767>> Acesso em: 11 out. 2024.

LOPES, Jean. SILVA, Tarcísio Torres. O “2021: Feitiço para ser invisível”, invenção, parceria e inventividade entre artistas. **Palíndromo**, v.5, n.37, out.2023-jan.2024, Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/23993/16181>> Acesso em: 11 out.

2024.

MALLARMÉ, Stéphane. **Um Lance de Dados**. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

MAN RAY. **Man Ray in Paris** /curadoria de Emmanuelle de L’Ecotais. -- Rio de Janeiro : Artepáidila, 2019.

MANDIBERG, Michael. **Site AfterSherrieLevine.com**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://www.aftersherrielevine.com/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

MARCLAY, Christian. Entrevista com Christian Marclay. Heloisa Espada. **IMS**. Disponível em: <<https://ims.com.br/2017/09/15/entrevista-com-christian-marclay/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

MASP. Arte na Moda: **MASP RENNER**. Divulgação do projeto e exposição. Disponível em: <<https://www.masp.org.br/exposicoes/arte-na-moda-masp-renner>>. Acesso em: 11 out. 2024.

MATISSE, Henri. **Jazz**. 1ª edição. Londres: Thames & Hudson, 2013.

MATTA-CLARK, Gordon; MONASSA, Tatiana. *Corpos humanos e corpos arquitetônicos: fotografia, arquitetura e performance na obra do artista Gordon Matta-Clark*. **Revista Zum**, IMS, 19 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/exposicoes/matta-clark/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

MC’S, Racionais. Todos os Samples de Raio X do Brasil. 1 vídeo, 3:12 min.. Publicado por **Tirou da Onde?**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9h-naJ563j4>>. Acesso em: 11 out. 2024.

MEKAS, Jonas. *As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty*, 2000. **Cinema Comparat/ive Cinema**, v. I, n.3, 2013. Disponível em: <<http://www.ocec.eu/cinemacomparativecinema/index.php/en/18-n-3-words-as-images-the-voice-over/176-as-i-was-moving-ahead-occasionally-i-saw-brief-glimpses-of-beauty>>. Acesso em: 11 de out. de 2024.

MU540, Dj. **Entrevista com DJ MU540**. TikTok. 1 vídeo, 1:28 min.. Publicado por @victor041oficial. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@victor041oficial/video/7391596192448204037>>. Acesso em: 11 out. 2024.

NASA/JPL-CALTECH. **Voyager Golden Record Cover**. 1977. 1 fotografia. Disponível em: <https://science.nasa.gov/image-detail/voyager-record-cover-446eb9/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

OBERSTEINER, Helena. **@helenaobersteiner**. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/helenaobersteiner/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

OBERSTEINER, Helena. **Helena Obersteiner**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://helenaobersteiner.com/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

PERSEU, Sofia. **O Museu como processo: Nomes (museus) (1989-1992) e Etiquetas (1991-1994), de Jac Leirner**. TCC (Bacharel em Museologia) – UFRGS. Porto Alegre, 2024.

PINHEIRO, Rafael. O que acontece quando a fúria travesti adentra o museu?. **VISURB**, UNIFESP. 20 de jan de 2021. Disponível em: <<https://visurb-unifesp.com.br/o-que-acontece-quando-a-furya-travesti-adentra-o-museu-por-rafael-pinhoero/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

POKAROPA, Vulcanica. Série Desaquenda 2023. 26 vídeos. Publicado por **Cucetas Produções**. Disponível em: <https://youtube.com/playlists?list=PLXQe_iv6pg4Mlc3xxm4sz-YDtUQ1ZEVz1&si=53q-q_-PWbjS4i-Dx>. Acesso em: 11 out. 2024.

PROFANA, Ventura. Sonda: um roteiro pelas fotomontagens de Ventura Profana, 2020. 1 vídeo (1h 22min). Publicado por **Revista ZUM**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gh5TcPW44f4&ab_channel=revistaZUM>. Acesso em: 11 out. 2024.

RESTIFFE, Mauro. **Cavaletes**. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/cavaletes/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

REZÉ, Angela. **Fotografia do Teatro Municipal de São Paulo**. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.angeldiversidade.com.br/leilao-fineart-angela-reze/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

RICHTER, Gerhard. **Dietmar Elger and Helmut Friedel discuss the exhibition Gerhard Richter: Atlas at the Kunsthalle im Lipsiusbau**, 2012. 1 vídeo (20:58 min). Publicado pelo site Gerhard Richter. Disponível em: <<https://www.gerhard-richter.com/en/videos/exhibitions/gerhard-richter-atlas-54>>. Acesso em: 11 out. 2024.

RICHTER, Gerhard. **Gerhard Richter**. Site-portfólio. Disponível em: <<https://www.gerhard-richter.com/en>>. Acesso em: 11 out. 2024.

RJEILLE, Isabella; CARNEIRO, Amanda. Bixinha. In **Catálogo da exposição Histórias Feministas: artistas depois de 2000**. São Paulo: MASP, 2019

ROCHA, Eduardo. **Montagem de Atrações: A dialética de Eisenstein nas obras de Glauber Rocha**. mai, 2020. Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/montagem-de-atra%C3%A7%C3%B5es-dial%C3%A9tica-eisenstein-nas-obras-glauber-rocha>>. Acesso em: 10 out. 2024.

ROIG, Anna. Mujeres que cortan y pegan. **godArt LAB**, Madrid, 8 de março de 2017. Disponível em: <<https://godartlab.com/2017/03/08/mujeres-que-cortan-y-pegan/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

ROSÁRIO, Arthur Bispo do. **Manto de apresentação** (título atribuído). sem data. 2 fotografias. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/acervo-2/manto/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SANTANA, Renan Carlos. **A experiência artística de Lygia Clark – Bichos 1960/1964**. TCC (Bacharelado em Ciências Sociais) – UEL, Londrina, 2018.

SANTOS, Amália dos; MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel. **A História da rte**, 2017 Disponível em: <<https://brunomoreschi.com/Historia-da-rte>>. Acesso em: 11 de out. de 2024.

STEINBERG, Leo. **Outros critérios : confrontos com a arte do século XX**. Tradução: Célia Euvaldo. 7a ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

STEINBERG, Leo. Reflections on the State of Criticism. **ARTFORUM**, v. 10, n7, mar, 1972. Disponível em: <<https://www.artforum.com/features/reflections-on-the-state-of-criticism-213171/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

THE GOLDEN RECORD. NASA. Site da NASA sobre a produção e composição do Golden Record. **NASA**. Disponível em: <<https://science.nasa.gov/mission/voyager/voyager-golden-record-overview/>>. Acesso em: 11 out. 2024.

TOMIE Dançante. **Instituto Tomie Ohtake**, 2023. Divulgação da exposição Tomie Dançante. Disponível em: <<https://www.institutotomieoh-take.org.br/exposicoes/tomie-ohtake-dancante/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

VALENCIA, Sayak. Do Queer ao Cuir: Geopolítica do estranhamento e Epistêmica do Sul Global. In. **Queer y cuir: políticas de lo irreal**. Editoria Fontanara, 2015. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/download/69849/36252/315966>>. Acesso em: 10 out. 2024.

VALERY, Paul. Ver e Traçar. In **Degas Dança e Desenho**. 7a ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

WILLIAM, Rodney William. **Apropriação cultural**. 1ª edição. São Paulo: Pólen, 2019.

YAMAGATA, Yuli. **Yuli Yamagata**. Site-portifólio. Disponível em: <<https://yuliyamagata.com/>>. Acesso em: 10 out. 2024.